



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

TAMIRES GOMES CORREIA

**MATERNIDADE E UNIVERSIDADE:
O QUE ME PASSA? O QUE ME TOCA? O QUE ME TRANSFORMA?
UM ESTUDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE MÃES ESTUDANTES DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Planaltina-DF
Janeiro de 2025**



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

TAMIRES GOMES CORREIA

**MATERNIDADE E UNIVERSIDADE:
O QUE ME PASSA? O QUE ME TOCA? O QUE ME TRANSFORMA?
UM ESTUDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE MÃES ESTUDANTES DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Profa. Juliana Eugênia Caixeta.

**Planaltina-DF
Janeiro de 2025**

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Noelino, que me escolheu como filha, que foi meu grande incentivador e que me ensinou os melhores valores. Com ele, aprendi a ser uma pessoa melhor em todas as oportunidades. Meu paizinho que descansa em paz e infelizmente não está aqui para compartilhar esse momento que sonhamos juntos, mas sinto seu abraço e escuto seus aplausos.

Às minhas filhas, que me ergueram e fortaleceram em todos os momentos. São os pedaços mais bonitos de mim!

À Sarah Ranny, que é o meu primeiro amor. Que me fez entender minha maior e melhor função. Ela me viu acertar e errar e sempre me olhou com admiração. Foi paciente e compreensiva. Obrigada por tanto me ajudar. Obrigada por ser gentil e corajosa.

À Maria Sophia, que é o meu milagre! Jamais poderei colocar aqui tudo o que sinto e muito menos demonstrar o que a sua vida significa para mim. Éramos nós duas, lutando contra tudo. Tendo fé de que o dia de amanhã seria melhor. Que milagres iriam acontecer. E quantas vezes eles aconteceram em sua vida?! E como sou grata por poder dizer que eu vi esses milagres acontecendo inúmeras vezes. Sou grata por ter tido respostas suas que me tranquilizavam nos momentos mais difíceis. São 10 anos de muito aprendizado em que você me ensinou a ser uma pessoa melhor, novos valores, novas esperanças, novas possibilidades. Você é minha luz! Como sou grata por ter sido escolhida para estar ao seu lado nessa jornada.

À Esther Valentina, por ser gigante em tudo que faz. Tão talentosa, tão alegre, que me traz vida e me lembra sempre que é preciso acreditar nos sonhos. Só te desejo vôos mais altos e o que a mamãe puder fazer para impulsionar suas asas, farei. Você é meu orgulho e minha inspiração Estrelinha Valente. Obrigada por tanto.

Obrigada por compreenderem o meu distanciamento nos momentos de maior desespero, por serem sacrificadas e, mesmo assim, não deixarem de ser as crianças mais incríveis da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sua infinita misericórdia e por todas as bênçãos concedidas ao longo da minha jornada. Sou grata por ter tido a oportunidade de ingressar no curso de educação superior na Universidade de Brasília e realizar um sonho de alcançar sua conclusão com êxito. Somente o Senhor conhece os desafios que enfrentei, os medos e as ansiedades que carreguei durante esse processo. Sou imensamente grata, pois, em sua sabedoria, o Senhor colocou pessoas extraordinárias em meu caminho nos momentos mais necessários.

À minha mentora, amiga, mãe e orientadora, Juliana Caixeta, exemplo de ser humano, a pessoa mais doce e gentil. Aquela que não gosta de ser chamada de doutora; porém, eu diria que carrega consigo o dom de curar. Curar a tristeza, levando sua alegria por onde passa. Curar a dor, estendendo sua mão e seja pela escuta ou apenas por um abraço que acalenta o coração. Curar o mal humor, a preguiça, a desmotivação. Juliana Caixeta que traz consigo o dom de lecionar, mas um tão importante quanto, o de ensinar. Ensinar a sorrir, dançar, celebrar, festejar... acreditar que hoje é o melhor dia para ser feliz. Sou grata por sua vida por deixar que eu faça parte dela e por você dar a vida e dedicá-la às outras pessoas. Por me olhar com Fé e sempre acreditar no meu potencial. Te agradeço Juju, por toda paciência e dedicação, não só neste trabalho, mas em todos os momentos nos quais estamos juntas. Momentos de celebração e, principalmente, nos momentos mais difíceis dessa jornada!

Ao meu marido, que dividiu comigo momentos de contentamento, frustrações e dúvidas, escutando com a paciência que só aqueles que nos amam intensamente podem oferecer.

À minha mãe e ao meu pai, figuras marcantes em minha caminhada como pessoas, cujos exemplos de vida tornaram-me forte o bastante para os enfrentamentos necessários e inescapáveis a que todos nós, seres humanos, estamos sujeitos. Aos meus irmãos Isaias e Thiago e minha irmã Taires, grande mulher, pelo apoio e motivação e por sempre estarem ao meu lado.

Às minhas amigas, conquistadas nessa caminhada, por todos os momentos que compartilhamos: tristes ou felizes. Obrigada por me oferecerem a mão em inúmeros momentos. Sem vocês, não teria chegado até aqui! Sem vocês, esse curso não teria sido tão maravilhoso! Teria havido Desistências Naturais!

À minha amiga Lorrane Marinho, por ser minha irmã de alma. Por dividir inúmeros cafés e sempre acreditar em mim, mais que eu mesma, sendo meu suporte para aguentar essa incrível e sacrificante jornada acadêmica. Obrigada por tudo sempre!

À minha irmã Iara Gomes, por sempre me apoiar e ajudar. Por sua paciência em ensinar. Por todas as noites em claro. Obrigada pela ajuda para superar todos os desafios até aqui e por dividir tantos sonhos!

Às mães estudantes da Universidade de Brasília, por me confiarem não apenas relatos, como também, suas experiências de vida, suas dores, amores, alegrias e fragilidades, tornando possível a escrita desse trabalho!

A todos os professores e professoras do curso, que contribuíram de forma generosa para a minha formação e pelo incentivo na procura de mais saber. Com vocês, aprendi a ser uma docente esperançosa, corajosa e resistente!

Aos meus colegas e às minhas colegas de trabalho nos projetos Educação e Psicologia: Mediações Possíveis em tempo de inclusão e Biogama-FUP, pela parceria e ensinamentos.

Ao Colegiado de Extensão da Faculdade UnB Planaltina, ao Instituto Bancorbrás de Responsabilidade Social e ao Instituto BRB, pela confiança em meu trabalho e pelo valioso apoio.

A todos e todas, que contribuíram para esse momento: meus familiares, meus amigos e amigas, da UnB ou não, professores, professoras e todos e todas que estiveram junto comigo nessa jornada.

Obrigada a todos e a todas vocês, por toda a força e apoio que me deram, por nunca terem desistido de mim e sempre estarem ao meu lado, acreditando mais em mim que eu mesma.

APRESENTAÇÃO

Sou mulher. E, nesse posicionamento, identifico todas as possibilidades de ser várias versões de mim mesma. Sou mãe, sou mãe de três, sou mãe de meninas, sou mãe atípica. Essa é a minha parte mais bonita e a minha função imensa e intensa.

Há cinco anos, decidi não ser somente a Tamires mulher, ou somente a Tamires mãe. Escolhi ir além do que eu acreditava até aquele momento que eu era. Novas oportunidades, novas possibilidades. A partir dali, eu me desafiei e escolhi enfrentar todos os desafios que dali em diante apareceriam no meu caminho. Decidi ser Mãe Estudante Universitária!

Um dos motivos que me fizeram escolher a docência e querer ser educadora tem sido as minhas filhas. Primeiro, pensando em que processo educativo eu gostaria que elas tivessem acesso, e, segundo, pensando na condição de saúde da minha filha Maria Sophia, que possui uma doença genética rara e atraso de desenvolvimento psicomotor. Desde o nascimento dela, enxerguei que ela precisava de um processo educativo que proporcionasse interações importantes, que a impactassem rumo a um desenvolvimento integral.

Naquela época, eu já acreditava que o aprendizado estava diretamente ligado às relações sociais em todas as suas fases. Eu entendia que o pensamento e os instrumentos necessários para o desenvolvimento da Maria Sofia estavam diretamente ligados aos aspectos sociais. Então, enxergando as especificidades dela, dei início a minha jornada de busca por conhecimento, pelo ingresso na graduação. Essa escolha minha, genuína e importante foi muito motivada por minhas filhas e pela Maria Sofia, mas, também, por meu desejo de atuar, em sociedade, de forma engajada com os princípios da inclusão social e educacional.

Assumir a licenciatura como escolha tem sido assumir um posicionamento específico de cuidado, estudo e atuação com o outro num espaço-tempo intencional, dedicado ao processo de ensino e aprendizagem. Assumir-me Estudante de Licenciatura na Universidade de Brasília tem sido todo dia concretizar um sonho de vida e mostrar para minhas filhas que o sonho grande é realizável, um passinho de cada vez, com muita vontade, empenho e apoio de gentes queridas, já relacionadas na Dedicatória e Agradecimentos deste trabalho.

A jornada de tornar-me professora foi marcada por histórias epopeicas, da Mãe que se assume, socialmente, Estudante Universitária de uma Universidade Federal! Uau! Muitas dificuldades, muitas adversidades! Quantos dias de desespero e noites em claro. Inseguranças que perduram até hoje. Temores e aflições. Mas, também, muitos dias de alegria e aprendizado constante.

Foram intensas aventuras! Desde as 4 horas de aula nas quais a exaustão tomou o lugar da concentração até o, aparentemente, simples gesto de apoio e carinho recebido ali no corredor da Universidade.

Dividir um lanche e confraternizar!! Isso também é ser e atuar como Universitária! E os cafés?! Nossa, não posso esquecer os cafés!!!! Os cafés se tornam um personagem na minha jornada! Os cafés não eram só a substância dentro de um copo. Eles têm sido um espaço de acolhimento e de colheita! Que valor dou a esses momentos singelos, genuínos e poderosos, que nos fazem sentir notadas, importantes, queridas e revigoradas para os desafios que continuam!

Cinco anos se passaram desde meu ingresso na UnB, enxergo que encontrei meu ritmo, encontrei o meu tempo, o tempo que precisava para concluir minha jornada. Uma jornada da qual tenho orgulho e sou grata por cada momento vivido comigo mesma e cada momento compartilhado com cada pessoa que esteve ao meu lado. Sou grata por me reconhecer de diversas maneiras e saber que sou exatamente o que busco ser todos os dias! Sou grata por sentir medo, pois, a partir disso, tenho a oportunidade de ser corajosa, escolher e viver a vida que eu desejo! Hoje, enxergo o processo educativo como uma atividade social e singular de transformação social.

Sou Tamires, sou mãe, sou professora de Ciências Naturais... O que mais poderei ser?!

MATERNIDADE E UNIVERSIDADE: O QUE ME PASSA? O QUE ME TOCA? O QUE ME TRANSFORMA? UM ESTUDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE MÃES ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Tamires Gomes Correia

Resumo: Este estudo analisou as narrativas de Mães Estudantes da Universidade de Brasília, a partir do conceito de experiência de Bondía (2002). A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou a Análise Textual Discursiva (ATD) como técnica de análise de dados. Os dados foram construídos por meio da oficina intitulada "Chá com Biscoito #SouMãe #SouFUP", realizada na Semana Universitária de 2024. A fundamentação teórica incluiu autores como Bondía (2002), que define experiência como as vivências que fazem sentido para a pessoa, e Badinter (1985), que discute as construções sociais da maternidade. A análise resultou em quatro categorias: Participantes, Mães, Estudantes e Mães Estudantes Universitárias. Cada narrativa destacou desafios relacionados à sobrecarga emocional, dificuldades de inclusão institucional e ausência de redes de apoio adequadas. O trabalho enfatiza a necessidade de políticas públicas que promovam equidade e suporte às mães no ambiente acadêmico, como creches, flexibilização de horários e redes institucionais de acolhimento. A maternidade, no contexto universitário, revelou-se um fenômeno complexo, no qual as mães desenvolvem estratégias de resiliência e negociação para equilibrar demandas acadêmicas e maternas, reafirmando a importância de ambientes inclusivos e transformações estruturais.

Palavras-chave: Maternidade, Maternagem, Universidade, Mães Estudantes, Inclusão.

Introdução

“Na vida há certas coisas que são da mãe, outras da mulher. A mãe tem um filho. A mulher tem um parto. A mãe quer presenciar todo pequeno e grande momento. A mulher pode, muitas vezes, desejar dar continuidade à carreira, aos estudos, a projetos pessoais. A mãe quer colocar a cria debaixo do braço e parar o mundo para protegê-la. A mulher ainda carrega sonhos individuais. De aprendizado, de conquistas, de novas experiências. A mãe pode até anunciar que está completa. A mulher quer mais. Quer muito mais. Quer saber de outros assuntos, quer mais jantares românticos (seja lá o que isso significa para ela), quer mais conversas interessantes e mais surpresas de tirar o ar. Você compreende? A mãe e a mulher coexistem e se misturam. Não dá para tirar uma da outra. No espaço onde habita o coração de uma mãe, já existia, muito antes, a alma de uma mulher. E é importante que as pessoas entendam que ela não foi, não irá e não precisa ir embora”.

Rafaela Carvalho

A maternidade é uma experiência diversificada para o conjunto de mulheres e única para cada mulher. Segundo Paim (1998), a experiência da gravidez e da maternidade transcendem os aspectos biológicos, incorporando, também, elementos socioculturais. Embora a gestação

ocorra no corpo feminino, percebe-se que esse evento carrega uma importância e um significado social ligados ao contexto em que a mulher se encontra.

Nesta pesquisa, temos como foco narrativas de estudantes mães sobre a universidade e a maternidade. Por isso, temos como objetivo geral, analisar as narrativas de Mães Estudantes da Universidade de Brasília, a partir do conceito de experiência de Bondía (2002): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca (p.22). E o autor continua “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (p. 25-26).

Como mãe, acredito que a maternidade é uma experiência única e desafiadora que merece ser compreendida e discutida de maneira mais aprofundada. Ao conduzir esta pesquisa, tenho como desejo aprofundar o entendimento sobre as diversas experiências vividas pelas mães enquanto integrantes da comunidade universitária. Acredito que, ao conhecermos melhor suas experiências, a universidade pode desenvolver ambientes mais inclusivos e que favoreçam o processo educativo das estudantes que também são mães.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A Construção Social da Maternidade

Historicamente, o valor do relacionamento mãe-criança se modificou a depender da organização social de cada território e povo, somado ao contexto temporal. Segundo Ariès, (1981 *apud* Gradwohl, 2014), não só o relacionamento mãe-criança foi mudado. Para o autor, anterior à mudança do relacionamento, há uma mudança de compreensão do ser humano masculino, do ser humano feminino, do ser humano adulto e do ser humano criança. Dessa forma, ser mulher, ser homem, ser adulto e ser criança são categorias sociais que vão sendo construídas na medida da necessidade de uma sociedade que se organiza ao redor do patriarcado (Dyble *et al.*, 2015; Federici, 2017).

Durante a Idade Média, a separação entre as categorias crianças e adultos era pouco clara. Naquele momento, de elevada taxa de mortalidade e necessidade de mão de obra, as crianças, a partir dos oito anos, eram consideradas adultas e capazes de participar da vida ativa do seu grupo social. A prática histórica era a de que as crianças atuassem nas tarefas domésticas e nas demais atividades do feudo. Elas eram tratadas como adultos em miniatura (Ariès, 1981).

A mulher que paria a criança não era reconhecida como mãe e responsável por ela. Essa ideia da mulher responsável por sua criança começa a ser desenvolvida com a transição do sistema feudal para os sistemas mercantilista e, depois, o capitalista (Gradvohl, 2014).

Nesse período histórico, temos, então, a construção da ideia de família, como um núcleo de pessoas consanguíneas, e, também, a construção das categorias sociais adultos e crianças. As crianças passam a se diferenciar dos adultos por serem frágeis e necessitarem de cuidados. Por outro lado, é responsabilidade dos adultos, homens e mulheres, o cuidado com as crianças. No entanto, os cuidados são diferentes: aos pais, cabe a obrigação de garantir o sustento para a sua família. Às mães, cabe a obrigação de zelar pela casa, pelas crianças e pelo marido.

Temos, então, a construção da sociedade patriarcal, ou seja, aquela em que a autoridade e o poder são predominantemente exercidos pelos homens que ocupam posições de liderança e controle (Federici, 2017). Nesse tipo de sociedade, as estruturas sociais, políticas, econômicas e familiares são organizadas de maneira a privilegiar os homens em detrimento às mulheres (Aguiar, 2000). O patriarcado também influencia as normas culturais e os valores, reforçando a ideia de superioridade masculina e submissão da mulher.

De acordo com Moura e Araújo (2004), a maternidade na atualidade é um fenômeno complexo, caracterizado pela individualização das experiências maternas e pela influência crescente de discursos médicos e psicológicos. As mulheres contemporâneas enfrentam a pressão de equilibrar a dedicação à maternidade com a busca por realização profissional e pessoal, resultando em uma ambivalência em relação à atuação materna. A relação entre mães e filhos/as é mediada por práticas e conhecimentos que enfatizam a saúde e o desenvolvimento emocional, refletindo uma transformação nas expectativas sociais e culturais sobre a maternidade. Ela é cada vez mais vista como uma experiência individual, com menos ênfase nas tradições familiares e mais foco nas orientações de especialistas e na construção de redes de apoio entre mães.

Devido à complexidade do fenômeno, Badinter (1985), Ramos (2021), Santos (2020), Fineman (2019), Ribeiro (2017) e Dantas, Santos e Oliveira (2019) organizam tipos de maternidade: i) Biológica; ii) Social e Adoção; iii) Compartilhada e Co-parentalidade, iv) Solo e v) Atípica.

i) Maternidade Biológica

A maternidade biológica é o modelo mais clássico, baseado na relação física e genética entre mãe e filho. Nessa concepção, o instinto materno é considerado natural e inerente, ou seja, todas as mulheres teriam, biologicamente, a capacidade de nutrir, proteger e cuidar de seus

filhos e suas filhas (Ramos, 2021). Esse entendimento está enraizado em concepções patriarcais e religiosas que associam a mulher a uma função essencialmente materna. No entanto, autoras como Elisabeth Badinter (1985) argumentam que essa visão do instinto materno é, em grande parte, uma construção social, e que a maternidade não deve ser vista como uma condição natural a todas as mulheres.

ii) Maternidade Social e Adoção

A maternidade social, por outro lado, destaca o cuidado e o amor como elementos centrais, independentemente de laços biológicos. A adoção é uma das principais formas dessa maternidade, onde o vínculo emocional prevalece sobre a ausência de relação genética. Mães adotivas constroem laços profundos com seus filhos e filhas e enfrentam desafios semelhantes às mães biológicas, com a adição de questões específicas como estigmas sociais (Santos, 2020). Este tipo de maternidade ressalta que a função materna está para além de laços biológicos, englobando a relação emocional e o cuidado ativo.

iii) Maternidade Compartilhada e Co-parentalidade

A maternidade compartilhada, que envolve a divisão das responsabilidades de criação entre duas ou mais pessoas, tem ganhado visibilidade em arranjos familiares contemporâneos, especialmente nas famílias homoparentais, onde duas mães ou dois pais compartilham o cuidado dos filhos e das filhas. Além disso, a co-parentalidade, observada em casos de pais/mães separados/as ou arranjos não conjugais, traz uma nova perspectiva à criação dos filhos e das filhas, desafiando a ideia de que a educação das crianças deve ocorrer dentro de uma estrutura tradicional de casamento (Fineman, 2019).

Esse modelo também questiona a divisão de papéis entre o pai provedor e a mãe cuidadora, sublinhando a importância de ambos os genitores na construção de vínculos afetivos e na promoção de um desenvolvimento saudável para as crianças.

iv) Maternidade Solo

A maternidade solo, ou monoparental, refere-se às mulheres que criam seus filhos e suas filhas sozinhas, seja por decisão própria, separação ou outros fatores. Este modelo de maternidade frequentemente implica desafios econômicos e sociais, devido à sobrecarga de responsabilidades (Ribeiro, 2017). No entanto, mães solas são frequentemente vistas como exemplos de resiliência, rompendo com a ideia de que a maternidade só é bem-sucedida quando compartilhada entre dois adultos.

v) Maternidade Atípica

O conceito de mãe atípica aborda a vivência de mulheres que exercem a maternidade em contextos específicos, como o cuidado de filhos e filhas com deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento, doenças raras ou outras especificidades. Essa realidade traz desafios ampliados, incluindo a sobrecarga emocional e física, dificuldades em equilibrar demandas profissionais e familiares e a construção de redes de apoio, porque, frequentemente, elas são insuficientes. Dantas, Santos e Oliveira (2019) destacam que essas mães enfrentam discriminação e invisibilidade social, sendo vistas como as principais responsáveis pelo cuidado, o que reforça as desigualdades de gênero.

1.2. Maternagem

Entre os séculos XVII e XIX, ocorreu uma transformação na imagem da mulher como mãe. Em 1760, definições médicas estabeleceram a amamentação como um dever materno. A maternagem passou a ser extremamente valorizada, e os cuidados relacionados a essa atividade tornaram-se exclusivos da mãe, que adquiriu a função de cuidar e amamentar os filhos. O desenvolvimento desse novo posicionamento resultou na rápida associação entre mulheres, maternidade e maternagem (Badinter, 1985; Correia, 1998; Gradvohl, 2013).

Contemporaneamente, maternagem refere-se ao conjunto de ações e comportamentos relacionados ao cuidado e à criação de uma criança o que a difere de maternidade. Gradvohl *et al.* (2014, p. 56) definem: "enquanto a maternidade é tradicionalmente permeada pela relação consanguínea entre mãe e filho, a maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por uma mãe".

A maternagem está baseada no estabelecimento de um vínculo afetivo sólido, ou seja, refere-se à conexão emocional profunda e significativa entre mãe e filho/a. Esse vínculo é construído por meio de ações como cuidado físico, demonstrações de carinho, suporte emocional e envolvimento atencioso perante as necessidades da criança.

A maternagem não é apenas uma série de tarefas práticas, indo além das tarefas do dia a dia, ela está intrinsecamente ligada ao carinho, cuidado e ao acolhimento emocional que uma mãe oferece ao filho/à filha. Esse vínculo emocional é crucial para o desenvolvimento saudável da criança contemporânea, contribuindo para sua segurança, confiança e bem-estar emocional (Silva *et al.*, 2021).

Kitzinger (1978) sugere que a forma como esse cuidado materno é exercido depende profundamente dos valores sociais associados ao que significa ser mulher e ao significado de

ter um filho/uma filha em um determinado contexto cultural. Em diferentes sociedades e épocas, as expectativas sobre a função social da mulher na maternidade são consideravelmente diferentes. Por exemplo, em algumas culturas, a mulher pode ser vista principalmente como a cuidadora e educadora dos filhos e filhas, dedicando grande parte do seu tempo e energia a essa tarefa. Isso pode incluir práticas específicas de alimentação, higiene e educação, sustentadas por tradições e crenças locais. Em outras culturas, a mulher pode compartilhar essas responsabilidades mais equitativamente com outras figuras parentais ou comunitárias, refletindo diferentes entendimentos sobre a divisão de trabalho e as responsabilidades familiares.

Além disso, o valor atribuído aos filhos/às filhas também influencia o cuidado materno. Em sociedades onde os filhos e as filhas são vistos/as como uma garantia de apoio na velhice ou como herdeiros/as importantes, a pressão sobre as mães para prover um cuidado intenso e dedicado pode ser maior. Por outro lado, em contextos em que há menos ênfase na prole como um meio de continuidade familiar ou econômica, pode haver uma abordagem mais relaxada em relação à maternidade.

Portanto, as práticas de cuidado materno não são apenas uma questão de instinto natural, mas são profundamente entrelaçadas pelas normas sociais e culturais que definem o posicionamento da mulher e o valor dos filhos e das filhas. Essas normas e valores podem mudar com o tempo, respondendo a mudanças sociais, econômicas e políticas, o que explica a diversidade de experiências maternas ao longo da história e entre diferentes culturas.

O conceito de maternidade e maternagem têm sido amplamente discutidos nas ciências sociais e humanas, refletindo a pluralidade e complexidade que envolvem o cuidado e a educação de crianças (Moura; Araújo, 2004). Historicamente, a maternidade foi entendida de forma tradicional, associada exclusivamente à mulher biológica, centrada no instinto materno, na dedicação integral e na responsabilidade central da mãe pela criação dos filhos e das filhas. No entanto, com o surgimento das teorias feministas, dos estudos de gênero e das mudanças sociais nas últimas décadas, novas formas de compreender e vivenciar a maternidade se desenvolveram. Esse movimento resultou na ampliação do conceito e na emergência de novas terminologias, como a “maternagem” (Badinter, 1985).

1.3. Da concepção de Maternidade à vivência da Maternidade na Universidade

Por Maternidade, entendemos, neste estudo, a experiência que varia amplamente entre as mulheres e é única para cada uma. Relaciona-se a um vínculo específico entre a Mulher-Mãe e seu filho e sua filha ou filhos e filhas. A Maternidade não se limita apenas aos aspectos

biológicos, como a gravidez e o parto, mas também inclui elementos socioculturais. Isso significa que a maternidade é influenciada por fatores culturais, sociais e pessoais, tornando-se uma vivência rica e complexa para cada mulher. Então, consideramos mães estudantes aquelas que exercem o cuidado de filhos e filhas seja ela por meio da maternidade biológica ou qualquer outra: social e adotiva, compartilhada e co-parentalidade, solo e atípica, que se aplique a sua vivência e realidade (Badinter, 1985; Ramos, 2021; Santos, 2020; Fineman, 2019; Ribeiro, 2017).

A maternidade no ambiente universitário é um tema que envolve diversas questões sociais, econômicas e políticas, com impactos diretos na trajetória acadêmica das mulheres. Estudantes, tanto de graduação quanto de pós-graduação, ou de qualquer outra fase da jornada acadêmica, que se tornam mães, enfrentam desafios específicos que se interligam às relações de gênero, à divisão desigual do trabalho doméstico e às políticas institucionais de apoio.

Ao longo da história, as mulheres têm enfrentado uma série de obstáculos devido às desigualdades de gênero (Hirata; Kergoat, 2007). Os estereótipos de gênero e a subvalorização das mulheres na sociedade também se manifestam nos ambientes educacionais.

De acordo com o relatório "Gênero e Ciência" (UNESCO, 2020), as mulheres representam 53% do corpo de estudantes no Ensino Superior globalmente, mas a proporção feminina em programas de pós-graduação e em cargos acadêmicos de prestígio ainda é significativamente menor. Parte dessa disparidade pode ser explicada pelas barreiras enfrentadas por mulheres que precisam conciliar a maternidade com a carreira acadêmica. A chegada de um filho/uma filha, muitas vezes, interrompe ou atrasa a conclusão de cursos, pesquisas e até mesmo a carreira de muitas mulheres no meio acadêmico.

No Brasil, o estudo de Moreira (2018) revela que 68% das estudantes universitárias que se tornaram mães relataram dificuldades para equilibrar as responsabilidades acadêmicas com o cuidado dos filhos/das filhas. Cerca de 40% consideraram abandonar seus cursos devido à sobrecarga de trabalho, falta de apoio institucional e escassez de políticas voltadas para flexibilização e acolhimento. Entre os principais obstáculos estão a carência de creches nas universidades, a inexistência de políticas de licença-maternidade para estudantes e a dificuldade de acesso a apoio financeiro e social.

Além disso, a maternidade reforça as desigualdades de gênero no meio acadêmico. Segundo dados de Pereira (2021), mães acadêmicas enfrentam maiores dificuldades para publicar artigos, participar de conferências e obter promoções, em comparação a homens ou a mulheres sem filhos e filhas. Esse fenômeno, muitas vezes, descrito como a “penalidade da maternidade”, indica que a presença de filhos/filhas impacta negativamente a trajetória

profissional das mulheres, enquanto a paternidade, em alguns casos, é vista de forma positiva e como indicador de compromisso com o trabalho.

As pesquisas de Moreira (2018) e Pereira (2021) reforçam que as políticas institucionais de permanência de Mães Estudantes na universidade são essenciais para a conquista do sucesso na Academia.

Em alguns países, já existem políticas voltadas para esse público. Nos Estados Unidos, por exemplo, algumas universidades oferecem prazos estendidos para entrega de dissertações e a possibilidade de afastamento remunerado para bolsistas de pós-graduação (Mason *et al.*, 2013). Na Noruega, o estado promove suporte robusto, incluindo creches subsidiadas, flexibilidade acadêmica e auxílio financeiro direto, garantindo a inclusão e a permanência de mães no ensino superior (Pontes *et al.*, 2019). No Reino Unido, universidades oferecem creches nos campi, acomodações familiares e adaptações acadêmicas, como prazos estendidos para mães, além de suporte psicológico e financeiro específico (Pontes *et al.*, 2019).

Comparativamente, enquanto países europeus têm sistemas estruturados, a América do Sul ainda enfrenta desafios para institucionalizar essas políticas, em especial no Brasil. São poucas as universidades brasileiras que possuem programas específicos para Mães Estudantes.

No contexto nacional, há o Programa de Bolsa Permanência, do Ministério da Educação (MEC), que visa apoiar financeiramente estudantes de baixa renda, incluindo mães, para reduzir as desigualdades de permanência no ensino superior (Gomes; Silva, 2020). No entanto, esse Programa não é suficiente para dar conta das especificidades de necessidades financeiras, pedagógicas e sociais das mães.

Entretanto, a realidade brasileira ainda está longe de garantir que todas as mães universitárias tenham condições de conciliar estudo e maternidade. Um levantamento da Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG, 2021) revelou que apenas 15% das universidades públicas brasileiras possuem creches e poucas têm políticas específicas de acolhimento para estudantes mães.

A Universidade Federal Fluminense-UFF é um exemplo de universidade brasileira que tem se empenhado para apoiar Mães Estudantes. A UFF possui iniciativas de auxílio-creche e grupos que reivindicam mais políticas inclusivas. No entanto, os apoios são fragmentados e dependem de esforços locais e movimentos sociais, evidenciando a lacuna entre demandas e suporte disponível (Farias; Souza, 2019).

Na Universidade de Brasília, foi inaugurada em agosto de 2024 a creche Centro de Educação Infantil UnB que acolherá crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. A creche pública, com capacidade para 121 crianças, destina 30% das vagas à comunidade da UnB, que também poderá concorrer às demais. O espaço localizado no campus Darcy Ribeiro tem previsão de

início de suas atividades para 2025 (UNB, 2024). Em 18 de julho de 2024 foi aprovado, pelo Conselho de Administração (CAD), a Política Materna e Parental, Resolução 0023/2024. A Política tem o objetivo de promover a inclusão e a permanência na Universidade de discentes, docentes, servidores/as e técnicos/as administrativos/as que sejam mães, pais ou responsáveis legais (UNB, 2024) de crianças e adolescentes.

Antes da Política e da Creche, na Universidade de Brasília, havia o Projeto Infante Juvenil (PIJ). Ele foi criado em 1983 para suprir as demandas dos dependentes dos/as docentes, discentes e servidores/as da Universidade de Brasília. O PIJ tem como objetivo desenvolver ações pedagogicamente organizadas para proporcionar às crianças um processo formativo integral, considerando aspectos motores, sociais e cognitivos, por meio de uma proposta pedagógica diferenciada (UNB, 2025) mas não é suficiente para suprir a demanda e atender todas as mães e pais que necessitam.

Segundo Souza (2020), as mães universitárias enfrentam desafios significativos para equilibrar maternidade e vida acadêmica, mas iniciativas como os coletivos em universidades públicas têm buscado dar visibilidade a essas questões e reivindicar políticas específicas para apoio a essas mulheres. Por exemplo, no Darcy Ribeiro, as Mães conseguiram, por meio de luta organizada, uma sala de Acolhimento para ficarem com seus filhos e suas filhas. Essa conquista foi mediada pela Secretaria de Diversidade da Universidade de Brasília. No entanto, após a Pandemia, as Mães Estudantes que eram um forte coletivo se formaram e, atualmente, a sala está sofrendo o risco de ser ocupada por um Centro Acadêmico (UNB, 2025). Esse fato parece indicar a necessidade crescente de institucionalização de processos e espaços específicos para as Mães na Universidade de Brasília. Além disso, tais políticas precisam prever a existência de quatro campi: Faculdade UnB Planaltina, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde (UnB Ceilândia), Faculdade de Ciências e Tecnologias em Engenharia (UnB Gama) e Darcy Ribeiro.

Além dos desafios práticos, a maternidade no ambiente acadêmico pode acarretar efeitos psicológicos profundos. Muitas mães relatam sentimento de culpa, frustração e sobrecarga emocional ao tentar equilibrar as demandas acadêmicas com as necessidades dos filhos e das filhas. Estudantes mães frequentemente se sentem marginalizadas no ambiente universitário, enfrentando preconceitos sobre sua capacidade de se dedicar aos estudos e/ou à pesquisa (Pereira, 2021).

Esse contexto pode levar ao isolamento e exaustão emocional, especialmente quando não há redes de apoio disponíveis. A criação de grupos de mães nas universidades pode ser uma medida importante para proporcionar apoio mútuo e aliviar esses sentimentos, além de fomentar uma comunidade que compartilha experiências (Santos; Ribeiro, 2017; Souza, 2020).

Apesar dos desafios, muitas mulheres conseguem conciliar maternidade e vida acadêmica, destacando-se em suas áreas de atuação. A existência de redes de apoio, tanto dentro quanto fora da universidade, é essencial para o sucesso dessas mulheres. Aquelas que contam com suporte familiar ou de parceiros têm mais chances de permanecerem ativas em suas pesquisas e alcançar posições de destaque acadêmico (Lynch *et al.*, 2020).

No entanto, mães acadêmicas frequentemente defendem que transformações estruturais são necessárias para garantir equidade de oportunidades. Flexibilização da carga horária, criação de modelos de avaliação que considerem interrupções de carreira e ampliação de políticas de acolhimento à maternidade são medidas fundamentais para uma inclusão efetiva e duradoura das mães no ambiente acadêmico (Leitão; Vieira 2020).

2. Metodologia

Para atingir o objetivo geral proposto, analisar as narrativas de Mães Estudantes da Universidade de Brasília, a partir do conceito de experiência de Bondía (2002), criamos três objetivos específicos: i) realizar um encontro com mães estudantes da Universidade de Brasília, num espaço seguro, no qual a fala e a escuta fossem norteadores da atividade, para viabilizar as narrativas de si enquanto Mães Estudantes; ii) identificar o tipo de maternidade exercida por cada mãe estudante e iii) organizar os conteúdos das narrativas em experiências, considerando o conceito de Bondía (2002), no qual os conteúdos recorrentes marcam vivências que significam o posicionamento Mãe Estudante da Universidade de Brasília.

“O conceito de posicionamento tem se desenvolvido particularmente direcionado ao entendimento do modo como as pessoas constroem suas identidades discursivamente, na relação com os outros, e às funções sociais de assumir para si mesmo ou atribuir a outros determinadas posições” (Oliveira; Guanaes; Costa, 2004, p.76).

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa de investigação, que, conforme Santos e Silva (2020), se caracteriza pela busca de uma compreensão aprofundada das experiências e percepções das pessoas participantes da pesquisa. Esse enfoque metodológico visa explorar as nuances das vivências individuais, possibilitando uma análise que vai além dos dados numéricos e que, segundo Caixeta, Souza e Santos (2015), valoriza os significados atribuídos pelos/as próprios/as participantes ao fenômeno investigado. Neste caso, os significados construídos pelas Mães Estudantes no momento do encontro.

Método

A construção de dados se deu em uma oficina, organizada na Faculdade UnB Planaltina (FUP), na cidade de Planaltina- DF. A oficina foi chamada de Chá com Biscoito #SouMãe #SouFUP, e foi ofertada na Semana Universitária 2024 - SEMUNI 2024. A SEMUNI ocorre anualmente, sendo que, em 2024, as atividades foram realizadas do dia 04 a 09 de novembro. Essa atividade ocorreu no dia 05/11/2024, no período vespertino das 15h às 18:30h.

A Oficina Chá com Biscoito #SouMãe #SouFUP foi cadastrada na categoria Extensão do SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. O projeto cadastrado pode ser encontrado no apêndice 1 deste trabalho. Nele, está descrito que o objetivo desta Oficina foi abrir espaço de fala e escuta para Mães que estudam na FUP ou outros campi para compartilharem suas experiências na universidade. Para isso, ofertamos uma tarde com chá, biscoitos e criamos um ambiente de chá-mego para as Mães.

Para convidar Mães Estudantes para participarem da Oficina, além da divulgação feita pelo próprio Colegiado de Extensão (ColExt) da FUP (ver figura 1), nós também providenciamos um convite digital específico que foi encaminhado para Mães Estudantes, por *Whatsapp* e *Instagram*, conhecidas da pesquisadora (ver figura 2).

Figura 1: Convite do Colegiado de Extensão (ColExt) da FUP



Fonte: Decanato de Extensão (2024).

Figura 2: Convite Digital



Fonte: Autora (2024).

A pesquisadora também fez convites orais a mães estudantes com as quais convivia.

Por se tratar de uma atividade ofertada na SEMUNI 2024, pessoas internas e externas à universidade poderiam fazer a inscrição na atividade pelo link: [SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas](#).

Para receber as mães estudantes e demais participantes da Oficina, três membros do projeto de extensão Educação e Psicologia: mediações possíveis em tempo de inclusão (PEEPMPTI) colaboraram para a montagem do ambiente, que aconteceu no Laboratório de Apoio e Pesquisa em Ensino de Ciências 2 – LAPEC 2 da Universidade de Brasília. Como se tratava de uma Oficina de Chá e Biscoito, foi necessária a organização dos alimentos e utensílios. As figuras 3 e 4 mostram como o ambiente foi organizado.

Para a elaboração da Oficina, contamos com o apoio financeiro do Colegiado de Extensão da Faculdade UnB Planaltina com o valor de R\$ 100,00. O valor não foi suficiente para a organização de todo o Chá, mas destacamos que, mesmo com dificuldades, o ColExt colaborou com nossa atividade. O valor total necessário foi arrecadado com doações e, também, recursos próprios.

Figura 3: Vista do ambiente da Oficina #SOUMAE #SOUFUP



Fonte: Autora (2024)

Figura 4: Vista da mesa principal de alimentos da Oficina #SOUMAE #SOUFUP



Fonte: Autora (2024)

No dia 04/11/2024, a coordenadora da atividade no SIGAA, orientadora deste trabalho, encaminhou mensagem de e-mail para todas as pessoas inscritas, agradecendo a escolha da

atividade e enunciando o local e horário dela no dia seguinte, bem como instruções para se encontrar o LAPEC 2.

As Mães Estudantes e demais participantes foram recebidas/os pela pesquisadora no LAPEC 2 a partir de 15:15. Houve um pequeno atraso, devido ao término da organização do ambiente. Quando a porta do LAPEC 2 foi aberta, 04 mães já estavam esperando para participar.

Participaram da Oficina 14 pessoas. As pessoas participantes podem ser organizadas em cinco grupos: i) Mães Estudantes da Universidade de Brasília; ii) Mães externas à Universidade de Brasília; iii) Estudantes de graduação; iv) Membros da equipe executora v) Mães servidoras da Universidade de Brasília. Iremos detalhar as características de cada grupo, mas destacamos que este trabalho considerou, como *corpus* de análise, apenas as narrativas das Mães Estudantes da Universidade de Brasília. Destacamos que as narrativas da pesquisadora fizeram parte do *corpus* de análise desse trabalho.

Sobre o grupo de participantes, descrevemos:

- i) Mães Estudantes da Universidade de Brasília: participaram 06 mães. 05 eram estudantes de graduação e 01 era estudante da pós-graduação. 04 eram estudantes da Faculdade UnB Planaltina e 02 eram estudantes do Darcy Ribeiro.
- ii) Mães externas à Universidade de Brasília: participou 01 mãe externa à UnB que recebeu o convite digital específico que foi encaminhado por *Whatsapp*.
- iii) Estudantes de graduação: participaram 03 estudantes da graduação não mães, 2 homens e uma mulher.
- iv) Membros da equipe executora: Participaram da organização da oficina 2 estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da FUP não mães, membros do PEEPMP TI. Participou a coordenadora da atividade no SIGAA, orientadora deste trabalho que estava na função de observadora e registradora.
- v) Mães servidoras da Universidade de Brasília: Participou como convidada a Psicóloga Escolar do campus FUP.

As mães foram recebidas uma a uma bem como cada participante da oficina. É importante descrever que o grupo de estudantes da graduação chegou à oficina por volta de 17 horas, já ao final das atividades.

As participantes e os participantes foram orientadas/os a se sentarem onde quisessem. Das Mães Estudantes, três levaram suas crianças. A criança de nome fictício Fruto do Ipê¹ tinha a idade de 03 anos; a criança, com nome fictício Pequi, tinha 09 anos e a terceira criança; nome fictício Cajazinha, tinha 00 anos na data da oficina.

¹ A escolha dos nomes fictícios das crianças foi em homenagem aos frutos típicos do Cerrado.

Após todas² se sentarem, a pesquisadora se apresentou e apresentou a equipe executora. Introduziu a oficina e seu objetivo, explicando que se tratava de um método de construção de dados para seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e que os diálogos precisavam ser gravados, caso elas permitissem. Esse registro em áudio é fundamental para o registro minucioso das falas. As participantes foram informadas que a coordenadora da atividade e orientadora desse trabalho e a própria pesquisadora fariam registros em diário de campo, sempre que necessário.

Com o anúncio da pesquisa, todas as pessoas participantes aceitaram participar da pesquisa. Portanto, a pesquisadora leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver apêndice B) onde a pesquisadora destacou o comando que nortearia a narrativa das participantes: “me conta como tem sido sua experiência na Universidade de Brasília como Mãe e Estudante”. Pedimos que cada mãe falasse uma de cada vez para que houvesse a gravação do áudio das narrativas.

Todas as pessoas assinaram o documento. Com os esclarecimentos sobre a pesquisa, as participantes foram convidadas a sugerir como gostariam de organizar suas falas, optando por se apresentarem e começarem a contar como eram suas experiências como mães estudantes. Deixamos o tempo de fala livre para que cada uma pudesse construir seu relato de forma tranquila e espontânea.

Procedimentos de Análise de dados

O áudio da oficina foi gravado. Ao todo, foram 2:40 horas de gravação. O áudio foi capturado por celular de uma mãe participante. Ao final, o arquivo foi encaminhado para a pesquisadora.

O áudio foi transcrito por dois programas de transcrição:

1. *Google Colaboratory* ou *Colab* “é um serviço hospedado pelo próprio google que não requer configuração para uso e fornece acesso gratuito a recursos de computação. É sobretudo adequado para aprendizado de máquina, ciência de dados e educação” (Google, sd, web).

Ao utilizar esse recurso, a pesquisadora necessitou de acesso ao *Google Drive*. A transcrição foi realizada em etapas, sendo: i) Instalação do *Google Colaboratory*; ii) configuração da ferramenta (ambiente de execução - alterar tipo de ambiente - *Python 3 - T4 GPU*); iii) instalação das dependências, ou seja, uso do primeiro código de programação; iv)

² A partir desse trecho, vamos usar o feminino universal.

anexo da gravação da entrevista, e renomeação do arquivo para "Maes"; v) inserção do segundo código de programação e alteração para "Maes"; vi) execução do segundo código, e a transcrição começou; vii) finalizada a transcrição foi gerado um arquivo em texto, que depois foi salvo no formato de PDF.

2. *Microsoft Word*: É um editor de texto disponibilizado pela Microsoft. A utilização deste recurso foi devido à presença de um próprio transcritor de áudio, facilitando o processo de análise. Neste programa, a transcrição pode ser feita por gravação ou anexo de áudio.

Foi necessário transcrever em todas essas ferramentas, para garantir mais confiabilidade no processo de pesquisa, minimizando erros de ortografia na transcrição das falas. Os dois programas apresentavam recursos importantes para ajudar na análise dos dados, como por exemplo: a separação por hora, minutos, segundos; a identificação da palestrante (participante 1, participante 2, ...).

O passo seguinte foi separar as narrativas das Mães Estudantes das demais narrativas dos grupos, pois somente essas narrativas foram consideradas como *corpus* de análise nesse trabalho. Esse processo foi feito, escutando o áudio e identificando a fala de cada participante Mãe Estudantes na transcrição dos dois programas.

A técnica de Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposto por Moraes (2003) e ampliado por Moraes e Galiuzzi (2006, 2011), foi utilizada para analisar as narrativas das Mães Estudantes. A ATD consiste em um processo interpretativo e reflexivo, estruturado em etapas de desconstrução e reconstrução dos sentidos presentes nos textos.

A ATD permite uma investigação detalhada, que não apenas identifica categorias emergentes a partir dos discursos, mas também facilita a compreensão dos significados atribuídos pelas participantes aos fenômenos vivenciados. Essa abordagem possibilita uma construção dos sentidos, de forma a integrar e revelar as múltiplas dimensões e complexidades das experiências narradas, promovendo uma análise sensível às singularidades dos relatos e às interpretações subjetivas das participantes.

A ATD se organiza em três etapas: i) unitarização; ii) categorização e iii) metatexto.

No campo da pesquisa qualitativa, as etapas de unitarização, categorização e construção do metatexto são fundamentais para a análise aprofundada dos dados coletados. Moraes e Galiuzzi (2011), em suas contribuições metodológicas, delineiam essas fases como componentes essenciais para a produção de conhecimento rigoroso e significativo. A seguir, apresenta-se uma síntese dessas etapas conforme a perspectiva dos autores.

i) Unitarização

A unitarização é a primeira etapa do processo analítico, caracterizada pela organização inicial dos dados brutos coletados durante a pesquisa. Segundo Moraes e Galiuzzi (2011), essa fase envolve a transcrição, leitura minuciosa e segmentação dos dados em unidades menores que facilitem a análise subsequente. A unitarização permite ao pesquisador/à pesquisadora familiarizar-se profundamente com o material, identificando elementos relevantes que serão posteriormente categorizados.

ii) Categorização

Após a unitarização, a categorização constitui a segunda etapa, onde os dados organizados são agrupados em categorias temáticas ou conceituais. Moraes e Galiuzzi (2011) enfatizam que essa fase requer uma interpretação criteriosa, na qual o pesquisador/a pesquisadora identifica padrões, relações e diferenças entre as unidades de sentido. A categorização permite a construção de estruturas analíticas que refletem a complexidade do fenômeno estudado.

iii) Metatexto

A etapa final, a construção do Metatexto, envolve a integração e interpretação das categorias desenvolvidas, resultando em uma narrativa coesa e crítica que reflete a compreensão aprofundada do pesquisador/da pesquisadora sobre o fenômeno investigado. Os autores Moraes e Galiuzzi (2011) retratam o Metatexto como uma síntese reflexiva que articula os achados do *corpus* com o referencial teórico, promovendo um diálogo entre dados e teoria.

A característica central da ATD é seu caráter cíclico e dinâmico. As etapas não são lineares, mas interdependentes, permitindo revisões constantes à medida que novas compreensões emergem. Esse movimento contínuo de desconstrução (unitarização) e reconstrução (categorização e metatexto) garante uma análise aprofundada e reflexiva (ver figura 5).

Figura 5: Ciclo de operações da análise textual discursiva



Fonte: Pereira e Heinzle (2017, p. 178).

Resultados e Discussão

O objetivo desta pesquisa foi analisar as narrativas de Mães Estudantes da Universidade de Brasília a partir do conceito de experiência de Bondía (2002). Este trabalho considerou como *corpus* de análise apenas as narrativas das Mães Estudantes da Universidade de Brasília. Conversamos com 6 Mães Universitárias e, usando a Análise Textual Discursiva, chegamos a 04 categorias de análise: i) Participantes; ii) Mães; iii) Estudantes e iv) Mães Estudantes Universitárias.

Categoria 1 – Participantes

Nesta categoria, apresentamos informações sociodemográficas das Mães Estudantes que participaram da pesquisa. Para isso, usaremos nomes fictícios que atribuímos a cada mãe. Os nomes foram escolhidos, considerando, por um lado, as características preponderantes de atuação das Mães em suas narrativas e, também, as características de flores do Bioma Cerrado.

Escolhemos associar as características das Mães às características das Flores do Cerrado, porque essas flores traduzem poeticamente as qualidades das mães, mostrando como a natureza do Cerrado reflete significados identificados nas narrativas das Mães quanto à força, esperança e coragem frente às adversidades, temáticas que serão abordadas em outras categorias, uma vez que, nesta, vamos abordar as características sociodemográficas das Mães.

i) Mãe Ipê-Amarelo (*Handroanthus ochraceus*)

O Ipê-Amarelo é conhecido por sua resiliência, florescendo exuberantemente mesmo em períodos de seca, quando a paisagem parece estéril (Ribeiro; Walter 1998). Neste trabalho, o nome Ipê Amarelo foi atribuído em homenagem à força de uma mãe que mantém a esperança

e a beleza mesmo nos momentos mais difíceis, trazendo luz e vida para quem está ao seu redor (ver figura 6).

Figura 6: Ipê-Amarelo



Fonte: Medeiros (2011)

ii) Mãe Flor de Pequi (*Caryocar brasiliense*)

A Flor de Pequi, delicada e perfumada, é um símbolo de coragem e resistência. O Pequi, além de sobreviver em solos áridos, sustenta comunidades com seus frutos (Silva; Oliveira, 2017). O nome Flor de Pequi foi atribuído a esta Mãe em homenagem à coexistência da beleza e da força, proporcionando sustento e proteção, mesmo em condições adversas (ver figura 7).

Figura 7: Flor de Pequi



Fonte: Medeiros (2011)

iii) Mãe Sempre-Viva (*Paepalanthus*)

As Sempre-Vivas têm uma característica única: sua durabilidade, mesmo depois de colhidas. São símbolos de resiliência e perenidade (Giulietti; Pirani, 1988). O nome Sempre Viva foi atribuído a esta Mãe em homenagem ao fato de, independentemente das dificuldades, permanecer firme na atenção a seus filhos e filhas (ver figura 8).

Figura 8: Sempre Viva



Fonte: Medeiros (2011)

iv) Mãe Flor de Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*)

As flores do Barbatimão, embora discretas, acompanham uma árvore de propriedades medicinais notáveis, usada para cicatrizar feridas (Oliveira; Siani, 2012). A simbologia da flor de Barbatimão se conecta a esta mãe pela capacidade de proteger, enfrentar desafios e cuidar daquelas pessoas que ama, mesmo que perceba que sua força não é suficiente para tanto (ver figura 9).

Figura 9: Flor de Barbatimão



Fonte: Medeiros (2011)

v) Mãe Flor de Pau-Santo (*Kielmeyera coriacea*)

A flor de Pau-Santo representa coragem e resistência, florescendo em uma árvore robusta e adaptada às condições extremas do Cerrado (Mendonça; Felfili, 2000). Assim, esse nome foi atribuído a esta Mãe em homenagem à coragem para enfrentar adversidades com determinação. Essa flor simboliza o poder de florescer em meio às dificuldades (ver figura 10).

Figura 10: Flor de Pau-Santo



Fonte: Medeiros (2011)

vi) Mãe Flor de Caliandra (*Calliandra dysantha*)

A Caliandra, com sua aparência delicada e vibrante, é um símbolo de esperança e renovação. Ela atrai vida ao seu redor, como abelhas e pássaros (Oliveira; Marquis, 2002). Este nome foi atribuído a esta Mãe por sua narrativa inspirar nutrição, revitalização e criação (ver figura 11).

Figura 11: Flor de Caliandra



Fonte: Medeiros (2011)

Sobre as Mães, apresentamos informações relevantes que estão nos quadros 1 e 2. No quadro 1, analisamos o tipo de maternidade exercido pelas mães, de acordo com Badinter (1985), Ramos (2021), Santos (2020), Fineman (2019), Ribeiro (2017) e Santos e Oliveira (2019). No quadro 2, apresentamos informações sociodemográficas, como idade, curso, campus etc.

Quadro 1: tipo de maternidade.

Mãe	Tipo de Maternidade
Mãe Ipê-Amarelo	Maternidade Solo
Mãe Flor de Pequi	Maternidade Solo
Mãe Sempre-Viva	Maternidade Compartilhada
Mãe Flor de Barbatimão	Maternidade Compartilhada/ Maternidade Atípica
Mãe Flor de Pau-Santo	Maternidade Solo
Mãe Flor de Calíandra	Maternidade Compartilhada/ Maternidade Atípica

Fonte: Autora (2025).

Quadro 2: informações sociodemográficas das Mães Estudantes.

Mãe e Idade atual	Idade em que foi mãe	Quantidade e gênero dos/as filhos/as	Nível Educacional	Curso Semestre	Campus	Local de Residência
Mãe Ipê-Amarelo 23	20	01 Menina	Superior cursando	Licenciatura em Ciências Naturais 10º	FUP	Planaltina-DF
Mãe Flor de Pequi 31	22	01 Menina	Doutorado Cursando	Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências 01º	Darcy Ribeiro	Planaltina - DF
Mãe Sempre-Viva 40	17	02 Meninas	Superior Cursando	Licenciatura em Ciências Naturais 6º	FUP	Lago Oeste Sobradinho-DF
Mãe Barbatimão 27	24	01 Menina; 01 menino	Superior Cursando	Pedagogia 09º	Darcy Ribeiro	Planaltina-DF
Mãe Flor de Pau-Santo 43	20	01 Homem adulto e 02 Mulheres, sendo uma adulta e uma adolescente	Superior Cursando	Licenciatura em Ciências Naturais 7º	FUP	Planaltina-DF
Mãe Flor de Caliandra 38	23	03 Meninas	Superior Cursando	Licenciatura em Ciências Naturais 12º	FUP	Sobradinho-DF

Fonte: Autora (2025)

Categoria 2 – As Mães

Nesta categoria, apresentamos os significados construídos pelas Mães Estudantes referentes ao posicionamento Mãe.

Para apresentar esses significados, construímos subcategorias que apresentaremos a seguir.

- **Subcategoria 1 – Maternagem:** aqui, apresentamos os significados relacionados aos vínculos que as Mães participantes têm na relação com suas filhas e/ou seus filhos.

“Então eu abri mão de todas as minhas outras áreas da vida pra ser mãe e ser universitária e a partir do momento que eu tomei essa decisão, porque eu entendi que eu estaria ali pra minha filha (...)” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

“A maternidade não são mil flores. Tem várias coisas que me incomodam, que me chateiam, que eu não queria ter que fazer, mas a gente faz pelo amor, pelos nossos filhos e por responsabilidade” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

Gradvohl *et al.* (2014) e Silva *et al.* (2021) destacam que a maternagem se relaciona ao vínculo que a mãe estabelece com seu filho e sua filha. Tem a ver com o empenho da Mãe em se conectar com seu filho e sua filha e, deliberadamente, desejar estar perto, assumindo o compromisso de amar e cuidar.

Essas falas corroboram a teoria de Badinter (1985) ao destacar a ideia de que a maternidade, embora desafiadora, está associada a decisões pessoais e sociais, e não a um "instinto natural".

Por isso, a categoria Maternagem é formada por duas subcategorias associadas: motivação e esperança.

Subcategoria 1.1 – Motivação: Como consequência da Maternagem, as Mães Estudantes Participantes da pesquisa enunciaram a Motivação e a Esperança. Dessa forma, a subcategoria Motivação se refere à força ou impulso, que veem das filhas/dos filhos, para realizarem as ações que precisam realizar.

“Primeiramente quero agradecer Pequi, minha pequena companheira que esteve comigo do início ao fim dessa jornada, em cada aula, em cada página escrita, mais do que uma presença, foi ela quem me deu a motivação (...) pra começar e concluir este projeto, pensando no seu futuro; no entanto, também foi Pequi quem se sacrificou lidando com minhas ausências a falta de tempo e os períodos em que eu estava frustrada ou triste mesmo sendo apenas uma criança, ela conseguiu entender o momento que

estávamos vivendo. Hoje, escrevo pra poder te mostrar no futuro, filha sem dúvida, essa dissertação foi feita a quatro mãos quem mais tem esse privilégio? Obrigada amor da minha vida” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

Sobre a maternidade gerar motivação, percebemos que a maternidade, para as participantes que a vivem como maternagem, é entendida como uma oportunidade, uma potência que gera posicionamentos positivos no que se refere à melhoria de vida para si e para as crianças ou adolescentes sob sua guarda.

Subcategoria 1.2 – Esperança: refere-se à expectativa que essas mulheres têm de que podem alcançar metas.

“(…) Na pandemia eu falei, gente, eu preciso fazer essa faculdade, eu preciso dar um futuro pra mim, pra minha pequena e ver que agora, que esses dois anos, né, no caso agora quatro, e o ano que vem eu tô me formando também, então assim, eu consegui, sabe, essa superação, eu diria, foi um ato de superação, de resistência” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

Em parceria com a Motivação, temos a Esperança, entendida como a “combinação do estabelecimento de metas com a tenacidade e a perseverança para ir atrás delas e a confiança nas próprias habilidades” (Brown, 2020, p. 96).

- **Subcategoria 2 – Dedicação:** refere-se ao empenho das Mães participantes para atender as necessidades que elas pensam que os/as filhos/as possuem.

“e aí você começa a formar uma estrutura financeira, estrutura de dar talvez uma escola sei lá, o que você planejar pra sua filha, você quer colocar no balé você tem uma estrutura, você tem toda, tudo que o seu dinheiro pode proporcionar e você começa a se encaixar naquela estrutura quando é que você vai pensar, não, eu vou largar tudo, agora eu vou estudar o mestrado, não, você não larga você vai adiando você vai adiando, porque não, porque eu não posso tirar minha filha da escola não, porque agora eu não posso tirar, fazer isso com ela, não, porque agora ela tá na fase que ela vai precisar de material escolar, ela precisava só de comida, agora ela precisa de material, agora ela tá ficando adolescente, ela precisa de roupa pra ir bonitinho com os coleguinhas ela precisa do passeio então a gente vai só adiando cada vez mais porque você já garantiu uma certa estrutura, o que isso aconteceu comigo, tipo assim eu tinha um trabalho, eu tinha sonhos, mas assim eu priorizei a escola dos meus filhos” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pau Santo).

“(...) vou fazer a matéria que dá, porque eu preciso me dividir entre ser mãe e ser estudante, então eu sempre ponderava muito, (...) porque eu sei que tudo que eu passei foi por um motivo, então se há disciplinas que eu não peguei no tempo certo, foi porque eu estava sendo mãe, e eu não ia conseguir de fato conciliar aquilo, e naquele momento não dava (...)” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

Os relatos evidenciam o constante desafio das mães universitárias em conciliar maternidade e vida acadêmica, frequentemente postergando seus projetos em prol do bem-estar dos filhos. A Mãe Flor de Pau Santo destaca como a busca por estabilidade financeira e melhores condições para os filhos leva à renúncia ou adiamento dos estudos, ilustrando a penalidade da maternidade (Pereira, 2021) e a desigualdade na divisão do trabalho doméstico (Badinter, 1985). Já a Mãe Flor de Ipê Amarelo apresenta uma estratégia de adaptação, ajustando sua trajetória acadêmica às demandas da maternidade, evidenciando a necessidade de políticas institucionais mais inclusivas (Leitão & Vieira, 2020).

Categoria 3 – As Estudantes

Essa categoria foi criada para apresentar os significados construídos pelas participantes sobre ser Estudante. Ela engloba comportamentos, sentimentos e reflexões que elas teceram sobre atuar como estudante, considerando, também, a maternidade.

- **Subcategoria 1 – Acolhimento:** nesta subcategoria, apresentamos as narrativas das participantes sobre a chegada delas à universidade: a dimensão do sonho, da conquista e do desejo.

“Então quando você fala assim, nesse negócio de entender o seu sentimento, esse autoconhecimento e tudo mais, eu me identifico bastante com essa parte, porque pra mim isso foi uma parte bem difícil no começo, eu chorava todo dia nesse espelho da fome, para vocês entenderem, quase todos os dias, eu tava chorando no banheiro e falando o que eu tô fazendo aqui, eu vou desistir, eu vou desistir, eu não vou conseguir mais, graças a Deus, eu encontrei pessoas, né, no caminho que, apesar de não serem mães, me acolheram e compreenderam o que eu tava passando, essa jornada que eu tava seguindo, e me apoiaram, assim, grandes amigos, que eu também tenho as pessoas que eu vou levar pra vida, e que me deram a mão, porque se não fosse, não teria sido, a Fulana, Fulana é minha mãe, né, eu não posso nem falar nada, porque é uma pessoa muito importante nesse sentido, porque acho que sozinha realmente a gente não consegue.” (Trecho de fala da Mãe Flor de Caliandra).

“Sim, é um espaço, né, um espaço de acolhimento mesmo, e aí isso me ajudou bastante, assim, trabalhar na extensão, eu foquei em dois projetos, porque eu sabia que se eu ficasse passeando por vários lugares,

pra várias coisas, eu não ia conseguir dar o melhor em nada, eu ia fazer tudo, então eu trabalhei desde o início quando eu entrei, eu trabalhei aqui, no Educação e Psicologia em Fulana, e trabalhei no Biogama, e aí o Biogama é um projeto muito bom, trabalhei lá também, quando eu conheci a Flor de Pequi, ela ainda era do Biogama, e aí o Biogama ele tem atividades em períodos muito específicos, né, então isso também ajuda. A gente consegue trabalhar e não precisa estar presente o tempo todo lá no laboratório, não precisa se preocupar com muitas atividades acontecendo, e a gente tem que dar conta, então desde que eu entrei na faculdade eu trabalho no Biogama, trabalho aqui na Educação e Psicologia, e isso me ajudou bastante” (Trecho de fala da Mãe Flor de Caliandra).

As pesquisas de Moreira (2018) e Pereira (2021) reforçam que o Acolhimento às Mães que estudam é essencial para que elas se mantenham vinculadas à Universidade. Esse Acolhimento se refere ao conjunto sistemático de ações que favorecem o pertencimento delas ao espaço acadêmico.

- **Subcategoria 2 – Redes de Apoio Acadêmicas:** essa subcategoria se refere à construção de redes de apoio com colegas e profissionais da universidade. Trata-se das ações de aproximação com colegas, docentes e corpo técnico administrativo da universidade.

“Eu participo de um grupo de mães lá na própria faculdade no Darcy e eu vejo muito relato de mães falando assim que os professores não são receptivos com elas, tem professor que reclama que a mãe saia da sala porque tá levando o bebê, o bebê tá chorando e aí eu tive muita sorte de pegar professores que eles pegam meus filhos pra poder cuidar, né, isso assim é uma coisa que pra gente que é mãe é maravilhoso” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

“(...) vocês podem pegar eu não tenho problema nenhum, pode pegar porque vocês me ajudam exatamente e eu falei se eu estiver incomodando, por favor me desculpe, mas eu não tenho o que fazer eu preciso trazer minha filha porque senão eu não estudo e aí quando o meu filho agora mesmo ele tá doente aí fica em casa, eu não mandei pra creche e aí eu perco a aula, a minha sorte é que agora tá tendo semana universitária, eu não peguei oficinas todos os dias, então eu tô tranquila pra conversar mais mas quando ele tá em casa não posso ir pra faculdade porque eu não consigo” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

“Então assim, o fulano, filho do Ciclano, me buscava em casa de carro, porque eu vinha com a Pequi, em época de chuva, assim ele ia lá me buscar, me levava embora, e tudo isso, e assim, ela sempre foi minha responsabilidade, então aqui em Brasília eu não tenho ninguém, não tenho nenhuma rede de apoio, então ela tá sempre comigo (...). Outra coisa, quando eu entrei aqui na FUP, eu me apaixonei,

pelos professores, pelos servidores, então assim, eu precisava fazer aula de laboratório, por exemplo, a Pequi não podia entrar no laboratório, eles abriam a exceção, colocava ela num lugarzinho, sentadinha, a professora do laboratório, ficava com ela, um tempão, sentada, conversando, brincando, por exemplo, ia fazer alguma aula com algum professor, a Beltrana, por exemplo, pegava a massinha, vem Pequi, senta, e a Pequi pequeninha, um, dois, três anos, agora que ela tá desse tamanho, né, antes ela era pequena, e conversava e corria pra todo lado, e assim, já teve várias vezes que eu me sentia incomodada, porque você fica com medo, né, de estar incomodando, de estar atrapalhando a aula, lembro que eu cheguei um dia no Fulano, eu falei assim, professor, a Pequi tá atrapalhando sua aula, aí ele falou assim, Flor de Pequi, acontece um fato muito estranho, quando a Pequi tá em sala, quando ela tá em sala, os alunos prestam muito mais atenção em mim, porque eu pegava aula com ela à noite, porque eu tinha que trabalhar de dia, né, então ela vinha comigo à noite, aí na aula à noite, ele falava que geralmente os alunos ficam muito dispersos, porque eles estão cansados, eles trabalharam o dia todo, então à noite eles estão cansados, qualquer coisa eles perdem atenção, como a Pequi tava na sala, ele falava que ela ficava tipo brincando, escrevendo no quadro, essas coisas, e aí a Pequi lembrava eles que eles tinham que prestar atenção no Fulano, então ele falava que as melhores aulas dele era quando a Pequi tava (...)" (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

Pereira (2021) destaca a maternidade como uma condição que amplifica os desafios acadêmicos para mães, mas também aponta a importância das redes de apoio para superar essas barreiras.

- **Subcategoria 3 – Normas Institucionais:** diz respeito às críticas que as participantes fizeram quanto às Normas Institucionais da Universidade sobre concessão de benefícios e regras acadêmicas.

"Essa estrutura física é muito importante também, que era uma coisa que eu sentia muita falta, quando eu tinha né, tipo, onde eu vou com ela, eu tô tendo aula até meio-dia, depois eu tenho aula quatro, onde eu fico com essa criança aqui nessa faculdade, sabe, então você tem esse LAPEC eu fico lá no LAPEC da Fulana, eu cato dois negócios desses daqui, e vou com ela pra lá, vou ponho no chão, então eu sentia falta dessa estrutura, que eu acho que é algo que pudesse ser feito por nós, que é fácil de ser resolvido, sabe?" (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

"Então assim, a outra coisa, é o RU, a Pequi não podia almoçar no RU, porque é só o pessoal da LEDOC que os filhos podem, o pessoal da RU nunca cobrou dela, então ela sempre entrou, sempre almoçou, tudo bem que é um pra cada a proteína e a fruta, então era uma fruta, uma proteína, mas a gente dividia e comia super bem, então isso é muito importante, porque se ela não tiver essa alimentação aqui, como que eu me alimentaria com ela, sabe" (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

“Então tem que ter de algum jeito um apoio pra as mães tipo o apoio é um lugar pra ela ficar de alguma forma, uma verba destinada pra isso um auxílio financeiro por exemplo, vamos pensar no RU, o RU, por que não pode ser pra mãe e pra criança já que a mãe é da assistência, por que o filho também não pode? Gente, isso não vai mudar praticamente nada o tanto que a criança come é isso aqui são coisas que as vezes pelo menos na minha cabeça, que eu não sou gestora não entendo, na minha cabeça é super simples de resolver, entendeu?” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

“Então vai abrir a creche no ano que vem, mas eu fiquei muito se eu não me engano são só 30% de vagas destinadas para mães estudantes e servidores eu não sei, mas tem uma porcentagem pequena de vagas pra mães, alunas e pros filhos dos servidores gente, mas o que tem de mãe precisando de colocar filho na creche e por que tem só esse tantinho de vaga?” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

“Tudo muito novo também, e saber que assim, eu não ia ter uma creche pra deixar ela, porque não tenho aqui na faculdade, né, justamente porque a gestão da universidade não pensa nas mães, enquanto estudantes, então eu acho que isso também é muito importante, a cada momento que a gente fala sobre a mãe e o seu papel, mãe, mas também querendo fazer a sua vida e ser independente, né, no mesmo sentido, é pensar em como a gente precisa adquirir recursos pra isso, pra apoiar aquela mãe, que muitas vezes vai ser uma mãe solo, vai ser uma mãe que vai ter que lidar com tudo ali sozinha” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

As reivindicações por políticas institucionais refletem as discussões de Leitão e Vieira (2020), Moreira (2018) e Pereira (2021) sobre a necessidade de reformas estruturais para incluir mães estudantes. Por outro lado, percebemos que as políticas específicas de Mães Estudantes ainda são recentes na Universidade de Brasília e parecem ainda não ter impactado a experiência das participantes Mães Estudantes desta pesquisa (UnB, 2024).

O que os estudos aos quais tivemos acesso indicaram foi que Mães Estudantes têm significativas queixas sobre Apoio Institucional das Universidades e essas queixas passam pela garantia da permanência e do sucesso acadêmico delas.

Categoria 4 – As Mães Estudantes Universitárias

Ser Mãe Estudante não é ser só Mãe e não é ser só Estudante. Trata-se de uma configuração identitária outra, na qual há uma combinação singular de dois posicionamentos sociais distintos: um que requer comportamentos de cuidado com um ser humano dependente delas (Santos; Ribeiro, 2017) e outro no qual se deseja autonomia, rotina de estudos com vistas à aprendizagem de uma profissão, afinal, não se trata, apenas, de ser estudante, mas de ser

Estudante Universitária, que está vinculada a um processo educativo que é organizado o desenvolvimento de competências técnicas, éticas e estéticas relativas a uma atuação profissional (Santos; Ribeiro, 2017).

Para garantirem esse posicionamento singular, as Mães Estudantes desenvolvem estratégias, que são métodos de atuação que implicam decisões sobre a organização do tempo; manejo da execução das atividades acadêmicas e garantia de rede de apoio.

“E aí no começo pegava poucas disciplinas, porque o horário não me permitia estar lá o tempo todo e tinha algumas situações que eu sabia que ia ser eu e eu, e aí depois disso eu vi que as coisas estavam caminhando, que talvez não estaria tudo perdido, eu fui fazendo as coisas com calma, não me cobrando muito também no ponto da universidade, porque a gente sabe que tem que ter uma dedicação bem maior, mas eu vou fazer a matéria que dá, porque eu preciso me dividir entre ser mãe e ser estudante” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

“E aí teve outros professores também, que assim, me viram grávida no EAD, se sentiram totalmente motivados pelo meu empenho, sabe, tipo, é, nessa questão de ver que eu não ia largar de mão, mas por um objetivo meu, né, no caso também, sem comparar qualquer outra situação, mas eu coloquei aquilo ali pra eles, eu fazia questão que eles vissem, por tanto que eu estava me esforçando, pra que de alguma maneira eles pudessem ter a empatia de serem, no mínimo, compreensivos, né, então assim, muitas vezes eu nunca deixei de fazer um trabalho, de entregar alguma coisa, porque eu falei, ah, eu estava com a minha filha, mas eu sempre chegava antes e falava, nossa, tal situação está acontecendo, professor, eu não vou conseguir entregar nesse prazo, tudo bem, e conversando, e mostrando pra ele a situação, e no final tudo dava certo, né, o trabalho saía, e ele entendia qual era o processo que eu estava passando, que às vezes, de fato, eu tinha que me dividir entre cuidar da minha filha e deixar o trabalho pra fazer na madrugada, porque eu precisava cuidar dela acima de tudo, e depois que ela fosse dormir, eu ia pensar no trabalho da faculdade, e isso acabava me sobrecarregando muito emocionalmente também, né, então... É muita coisa. É muita coisa.” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

“No começo, pra mim, isso também foi bem difícil, assim, eu me cobrava muito, porque eu olhava os meus colegas de turma, e eu via, assim, como que eles conseguiam administrar o tempo deles de uma forma, e eu não conseguia, então eu ficava, assim, às vezes desesperada no começo, que eu pensava, meu Deus, eu não consegui, porque tem, sei lá, quantos trabalhos pra fazer, sei lá, quantas matérias acumuladas pra estudar, e eu não tô conseguindo, e até eu vencer essa etapa, assim, de sair da cobrança pra compreender que o meu tempo era completamente diferente, que eu vivia uma realidade totalmente diferente, e na época que eu entrei, eu entrei um pouco antes de você, eu não tinha nenhuma mãe, assim, próxima a mim, eu não conhecia nenhuma outra estudante na minha turma, nem do curso, eu fui conhecer bem depois, que sabe se identificasse e pudesse me falar assim, não, calma aí, calma, relaxa,

fica tranquila, que vai dar certo, depois eu conheci a Flor de Pequi, e aí, aqui no LAPEC também, isso me ajudou bastante, porque eu vi um exemplo da trajetória dela, e do que ela passou, e ela já tinha terminado a graduação, né, ela já tava entrando no mestrado, e aí isso me ajudou bastante, porque acho que às vezes falta, né, a gente encontrar alguém que tenha uma característica, semelhante, tenha um pouco de afinidade nesse sentido, eu me senti muito perdida, até eu compreender que eu tinha o meu tempo, e que eu faria no meu tempo, no meu caminho, na minha trajetória, e parar de me comparar e ficar achando que eu deveria render tanto quanto, ou render mais, ou qualquer coisa nesse sentido, do que os meus colegas que estavam ali, numa realidade completamente diferente que a minha” (Trecho de fala da Mãe Flor de Caliandra).

O conceito de experiência como algo que "nos transforma" (Bondía, 2002) é reiterado nas falas das mães ao descreverem a maternidade e o impacto em suas trajetórias acadêmicas.

Categoria 4.1 – Modos de Execução do posicionamento Mãe Estudante Universitária

Nas narrativas, percebemos que há modos de execução desse posicionamento singular. A categoria Modo de Execução foi inspirada no trabalho de Caixeta e Barbato (2004). Neste trabalho, modo de execução é uma categoria de segunda ordem que apresenta os significados enunciados pelas Mães Estudantes Universitárias sobre as maneiras que atuam para darem conta dessa identificação: Mãe Estudante Universitária.

Para detalhar melhor a Categoria Modo de Execução, descrevemos subcategorias que auxiliam na compreensão das estratégias que as mães usaram para construir o posicionamento Mãe Estudante Universitária. Identificamos 04 subcategorias, a saber:

- **Subcategoria 1 – Disciplina:** nesta subcategoria, descrevemos os comportamentos das Mães Estudantes Universitárias que garantiam condutas organizadas de ordenamento das atividades que precisavam desempenhar no dia a dia.

“Como eu consegui a vaga na creche dela, ficava o dia inteiro então eu conseguia e optava fazer mais matérias que às vezes eu nem gostava, de dia porque é o meu horário, entendeu? é o horário que eu tenho pra fazer livremente as coisas as matérias da tarde que sempre eram até 5, 6 horas eu evitava pegar, quando não dava mais que eu tinha que pegar, eu vinha e fazia todo o acordo de a van deixar ela aqui, entendeu? graças a deus também é um caminho que a van faz” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

“Eu falei, ah, não vou desistir vou continuar aí, reduzi um pouquinho as matérias falei, vou diminuir porque meu filho tava tendo muitas consultas e aí eu diminui e peguei duas matérias só falei, ah, a UNB tava com aquela flexibilidade que eu falei, vou fazer só duas fiz as minhas duas matérias os professores foram muito bem receptivos comigo” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

Ambos os relatos reforçam que, apesar dos desafios, o suporte adequado pode possibilitar a continuidade dos estudos, destacando a necessidade de políticas educacionais que garantam maior acessibilidade e inclusão para mães universitárias.

- **Subcategoria 2 – Negociação:** nesta subcategoria, descrevemos os comportamentos das Mães Estudantes Universitárias referentes à solicitação de apoio. Diz respeito ao diálogo com familiares e comunidade acadêmica, em especial docentes, para exercerem o posicionamento Mãe Estudante Universitária. É uma categoria relacionada às redes de apoio dentro e fora da Universidade.

“Eu tenho que ler um texto um texto, não, eu tenho que ler vários textos porque os professores passam textos gigantes e são cinco matérias, cinco textos gigantes pra gente estudar esse semestre eu tive um professor que assim acho que ele foi iluminado ele virou pra mim e falou assim, olha, não, vem aqui que eu vou te passar uns exercícios pra você fazer em casa, você não precisa vir pra faculdade eu falei, nossa professor, muito obrigada” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

“(...) realmente não é fácil e aí a gente tenta organizar as coisas tudo direitinho nunca sai 100%, mas a gente tenta, e aí agora eles estão assim me dando apoio pra estar lá não desiste, segue em frente que a gente tá aqui pra ajudar você e que a gente quer você lá e o meu esposo fala assim oh, tô te ajudando aqui mas eu quero que você forme eu falo assim, formo, um ajudando o outro então isso é bom quando a gente tem o apoio da família (...)” (Trecho de Fala da Mãe Sempre-Viva).

“E os desafios dentro da faculdade foram muitos também, mas por uma questão de estrutura, eu diria, não por uma falta de empatia de um professor, algo do tipo, muito pelo contrário, na FUP principalmente eu me senti muito acolhida, porque eu via que as pessoas tinham empatia mesmo, elas viam que eu estava ali, elas viam meu esforço, então muitas pessoas às vezes falam algum comentário de algum professor, e eu falo, nossa, mas assim, eu não sei se é porque eu fui mãe, ou se foi a forma como fui aluna, mas aquele professor me deu todo suporte, porque ele nunca duvidou de mim (...)” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

A negociação é uma habilidade social relevante para as interações sociais, porque ela implica diálogo e a possibilidade de combinados que favorecem as pessoas em suas atuações.

- **Subcategoria 3 – Luta:** expressa os comportamentos das Mães Estudantes Universitárias para obter apoio institucional, emocional, social e financeiro. Trata-se de uma subcategoria vinculada à temática do Apoio Institucional, que é a responsabilidade da Universidade com estudantes que são mães.

“Eu também não tive creche, aqui não tinha creche, inclusive eu fui na direção, fui num monte de lugar, porque aqui tem a creche, né, a ciranda, e eu queria de algum jeito colocar ela aqui, porque eu falava, gente, eu preciso de algum jeito, aí fui na direção, fui na época, o diretor, conversei com ele, conversei com a direção da ciranda, ninguém autorizou a Pequi ficar lá, só é pra quem é da LEDOC que não aceitava, eu falei, beleza, vamos lá, continua, e aí foi, e nisso, aí eu achei uma creche aqui perto, que era um valor mais acessível, eu consegui colocar a Pequi lá, mas como eu não tinha rede de apoio financeira também, então eu precisava trabalhar, então eu trabalhava aqui na faculdade mesmo (...) tudo porque eu precisava de dinheiro, então eu precisava das bolsas que a faculdade me dava, eu recebia o auxílio moradia aqui, que era o que pagava o meu aluguel, mas não conseguia o socioeconômico. Na minha época, não tinha um auxílio creche que hoje tem, aí eu até fui lá várias vezes, ficava pedindo, enchendo o saco do povo da Assistência estudantil, eles me ajudavam porque eles conseguiam, e assim eu fui indo um dia de cada vez (...) fazendo todas as bolsas que eu podia, tudo, e com esse auxílio da minha rede de apoio que foram os meus colegas” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

Esse cenário reforça a penalidade da maternidade (Pereira, 2021), que coloca as mães em situação de vulnerabilidade ao exigir que conciliem estudos, trabalho e responsabilidades maternas sem suporte adequado. Além disso, sua persistência na busca por assistência estudantil reflete a luta constante das mães estudantes para acessar políticas de permanência, muitas vezes burocráticas e limitadas. O apoio de colegas, mencionado como uma rede de suporte essencial, evidencia a importância da solidariedade coletiva dentro do ambiente universitário, mas também expõe a insuficiência das políticas institucionais voltadas a essa demanda.

- **Subcategoria 4 – Autocobrança:** diz respeito aos significados que as participantes expressaram em relação às exigências de suas próprias atuações. Trata-se dos significados relativos à pressão que as Mães Estudantes Universitárias colocaram sobre si mesmas para atingir objetivos que desejam alcançar.

“(...) eu me cobrava muito, porque eu olhava os meus colegas de turma, e eu via, assim, como que eles conseguiam administrar o tempo deles de uma forma, e eu não conseguia, então eu ficava, assim, às

vezes desesperada no começo, que eu pensava, meu Deus, eu não consegui, porque tem, sei lá, quantos trabalhos pra fazer, sei lá, quantas matérias acumuladas pra estudar, e eu não tô conseguindo (...)” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Caliandra).

“Mas eu acho que isso também tem a ver como você se cobra, porque por exemplo eu sou muito exigente, não tanto com as outras pessoas, mas eu sou exigente comigo, eu sou exigente comigo, eu quero coisas perfeitas, eu quero me sair bem, eu quero sentir que eu fui bem e eu nunca me sinto bem. (...) Eu exijo, eu exijo de mim não é as pessoas que cobram de mim. Eu me cobro eu não me permito quando me sai mal meu negócio eu já pensei em desistir, mas eu sei que eu me sentiria tão fracassada em desistir eu continuo sofrendo aqui mesmo eu continuo sofrendo” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pau Santo).

Os relatos das Mães Flor de Caliandra e Flor de Pau Santo destacam o impacto da autocobrança e do perfeccionismo na trajetória acadêmica das mães universitárias. A comparação com colegas sem filhos/as e a dificuldade em administrar múltiplas responsabilidades geram frustração e exaustão, evidenciando a sobreposição de papéis e a pressão social para que as mulheres desempenhem suas funções com excelência (Pereira, 2021). Além disso, a internalização da necessidade de superação constante leva ao sentimento de fracasso diante da possibilidade de desistência, reforçando a cultura do sacrifício materno (Badinter, 1985).

Categoria 4.2 – Consequências do posicionamento Mãe Estudante Universitária

Inspiradas em Caixeta e Barbato (2004), entendemos que os Modos de Execução do posicionamento Mães Estudantes Universitárias trazem consequências para as participantes da pesquisa, que serão apresentadas por meio das subcategorias que compõem essa categoria.

- **Subcategoria 1 - Sobrecarga:** diz respeito à consequência percebida pelas participantes sobre os resultados do acúmulo de funções que exercem, como cansaço, esgotamento, estresse.

“Peguei cinco matérias tem um dia que eu fico o dia inteiro com a Cajazinho na faculdade. É cansativo pra mim é cansativo pra ela, mas a gente fica lá. Eu não tenho o que fazer e aí é isso assim, eu me sinto muito, muito sobrecarregada, muito sufocada mesmo com tantas coisas, mas eu não quero desistir, eu falei recentemente pra minha prima eu não quero sair da UNB. A minha mãe falou, não, porque que você não vai pra outra faculdade é transfere pra outra faculdade e eu falei não, eu não quero sair da

UNB uma colega minha falou tenta fazer a pedagogia EAD na UNB também, eu falei mas vir pra UNB me faz respirar novos ares porque eu só fico dentro de casa o dia inteiro se eu não tô em casa eu tô no hospital com os meus filhos em consulta então, ou eu tô em casa, ou eu tô no hospital” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

“Às vezes a mãe é tão sobrecarregada que ela para de olhar pra si, ela começa tanto olhar pro outro que é uma terceira pessoa que ela vai dar as coisas que ela começa a sentir, ela vai se privando. E ela só precisa ser escutada. Ela só precisa ter alguém pra acolher ela de fato ali. E às vezes você reclama de alguma coisa, não é nem no sentido de reclamar, é de desabafar. E a pessoa te julga por você estar reclamando. Vai ter, minha filha, porque aqui não é bem assim que funciona as coisas. E não é porque eu escolhi ter filho, que eu sou muito feliz com essa escolha, que eu sou obrigada a ser feliz o tempo inteiro com tudo o que acontece. Não é!” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pequi).

“Porque a responsabilidade de ser mãe sempre foi minha, por mais que os meus pais pudessem me ajudar de repente financeiramente, ou de alguma outra forma, a responsabilidade presencial, que é para ser minha e do pai, e como o pai é ausente, então, fica tudo sobrecarregado para mim” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

“Eu me separei, fiquei sozinha com as meninas também, e aí morava em Planaltina de Goiás, tava sozinha com elas lá, tinha a minha irmã lá que morava próximo, mas a minha irmã tinha a vida dela, tinha as crianças dela, e ela tinha o trabalho dela, e ela saía de madrugada, chegava à noite, então nesse sentido ela não podia me apoiar, e era a pessoa mais próxima que eu tinha, e aí nessa época eu fiquei muito, muito, muito sobrecarregada de tudo, de ter que manter a logística das meninas de escola, e manter a minha disciplina aqui dentro também, porque a gente sabe que se a gente não tiver o mínimo de disciplina no estudo, na realização das atividades, em tudo que a gente se propõe a fazer aqui dentro, também a gente não consegue prosseguir, então eu me senti muito sobrecarregada nessa época, eu trabalhava aqui já com a Fulana, no laboratório, então isso me ajudou bastante também, porque aqui eu tinha um pouco mais de flexibilidade, de fazer os horários, de cumprir a carga horária” (Trecho de fala da Mãe Flor de Caliandra).

Os relatos evidenciam a sobrecarga enfrentada pelas mães universitárias, a Mãe Flor de Barbatimão expressa o esgotamento físico e emocional de conciliar sua rotina acadêmica com os cuidados maternos, mas também ressalta a universidade como um espaço de respiro e pertencimento. Já a Mãe Flor de Pequi aborda o julgamento social sofrido por mães que desabafam sobre suas dificuldades, reforçando o peso da expectativa de que a maternidade deva ser vivida apenas com felicidade. A Mãe Flor de Ipê Amarelo e a Mãe Flor de Caliandra destacam a ausência ou insuficiência de suporte familiar e paterno, evidenciando como a

maternidade solo amplifica as dificuldades acadêmicas. Esses relatos reforçam a necessidade de políticas institucionais que ofereçam suporte emocional, estrutural e acadêmico para garantir que as mães estudantes possam permanecer e progredir na universidade sem comprometer sua saúde mental e bem-estar.

- **Subcategoria 2 – Culpa:** diz respeito aos sentimentos que as mães expressaram, quando avaliaram negativamente suas ações.

“Eu fico assim, me sentindo sufocada com tanta coisa e aí, eu não faço terapia, mas isso aqui, pra mim, foi uma grande terapia! Poder falar e eu ainda não conversei isso com ele, com meu marido, mas poder falar um pouco, tirar o peso das minhas costas eu me senti sim eu me sinto muito, muito, muito culpada, porque as vezes meu filho tá chorando eu tô querendo estudar, e aí eu brigo com ele pra ele ficar quieto, e aí eu fico assim mas eu não devia ter brigado com ele porque aí vem muita, muita, muita culpa dentro de mim, porque eu não dou conta de estudar e cuidar dos meus filhos, ou eu não dou conta de estudar e de cuidar deles e de cuidar da casa as vezes” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

“Eu passei em outros períodos da minha vida, muita dificuldade por eu deixar de fazer alguma coisa, porque não tinha alguém, porque minha mãe também trabalhava, de ter às vezes, estar combinado com a pessoa, a pessoa não ir, de ter que levar para o trabalho, de às vezes incomodar, tipo já chegou a situação de diretor reclamar comigo, porque eu não tinha, porque eu estava levando o filho para a escola, porque eu não tinha onde deixar, com quem deixar, então todas, e essa situação é angustiante, a situação de incômodo, de não ter apoio, e aí, eu fiz errado, porque eu acho que vocês estão super certas de ter continuado esse período, mesmo, junto à maternidade e os sonhos, e o plano de vida, porque eu abri mão (...)” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Pau Santo).

Os trechos apresentados reforçam os desafios emocionais, estruturais e sociais enfrentados pelas mães universitárias. A fala da Mãe Flor de Barbatimão revela o peso da culpa materna, um sentimento amplamente discutido na literatura sobre maternidade e desigualdade de gênero (Badinter, 1985). A sobrecarga emocional gerada pela tentativa de equilibrar os estudos, o cuidado com os filhos e as responsabilidades domésticas reforça a necessidade de redes de apoio e políticas institucionais que contemplem a realidade dessas mulheres (Pereira, 2021).

Por sua vez, a fala da Mãe Flor de Pau Santo destaca a ausência de suporte e o sentimento de inadequação vivenciado por muitas mães no ambiente acadêmico e profissional. A dificuldade em encontrar alguém para auxiliar no cuidado dos filhos, a necessidade de levá-los para o trabalho e a cobrança institucional ilustram como a maternidade ainda é vista como um

fator de obstáculo, e não como uma dimensão legítima da vida das mulheres (Leitão & Vieira, 2020). Além disso, a reflexão sobre a renúncia de oportunidades em prol da maternidade reforça a ideia da penalidade da maternidade, termo utilizado por Pereira (2021) para descrever as desigualdades vivenciadas por mães no mercado de trabalho e na educação superior.

- **Subcategoria 3 - Resiliência:** diz respeito à capacidade de as Mães Estudantes Universitárias enfrentarem desafios e superarem as dificuldades de se posicionarem como Mães Estudantes Universitárias.

“(...) Eu entendi que eu precisava lidar comigo pra entender o que eu tava vivendo ali, e justamente discernir que eu tenho coragem, eu tenho força pra fazer tudo o que eu vou para me dedicar, ainda que o caminho nos coloque algumas pedras, né, a gente pega essas pedras e vai construindo a ponte pra poder passar lá pra frente (...)” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo).

“Porque é a mãe que tem que amamentar é a mãe que leva no hospital geralmente sempre quem levava o meu filho pro hospital era eu e aí eu falei vou continuar estudando, vou colocar ele na fila da creche e eu tinha muito medo de colocar ele na creche porque justamente por todas as questões de saúde dele ele é uma criança que tem deficiência visual e aí eu falei: seja o que Deus quiser! Eu preciso estudar” (Trecho de Fala da Mãe Flor de Barbatimão).

Como defendido por Dantas, Santos e Oliveira (2019), podemos identificar no relato da Mãe Flor de Barbatimão que apesar dessas adversidades, as mães atípicas desenvolvem estratégias singulares de enfrentamento, ressignificando suas experiências.

Os autores também destacam a importância de políticas públicas que promovam suporte efetivo às mães. Dantas *et al.* (2019) enfatizam a necessidade de medidas voltadas à inclusão e acessibilidade para famílias de crianças com demandas específicas. Pereira (2021), por sua vez, defende a implementação de estratégias institucionais, como flexibilização de horários e redes de apoio, que minimizem os impactos negativos da maternidade nas carreiras das mulheres. Dessa forma, ambos os estudos convergem ao reforçar que a superação dessas desigualdades requer transformações estruturais e políticas que promovam equidade de gênero em múltiplos contextos.

Mães Estudantes Universitárias: Por um Metatexto

As narrativas das participantes permitiram integrar as experiências vividas aos referenciais teóricos apresentados nesse estudo, revelando a complexidade de suas trajetórias

no ambiente acadêmico. A maternidade, como destacam Badinter (1985) e Gradwohl (2014), transcende o aspecto biológico, incorporando elementos socioculturais que influenciam as vivências dessas mulheres. A maternagem, enquanto expressão do vínculo afetivo e do cuidado, foi constantemente tensionada pelas demandas acadêmicas, configurando um espaço de resignificação das identificações "mãe" e "estudante", gerando uma outra identificação singular que é Mãe Estudante Universitária.

Para serem Mães Estudantes Universitárias, as participantes desenvolveram estratégias variadas para conciliar suas responsabilidades familiares e acadêmicas, evidenciando a importância das redes de apoio no contexto universitário. Os vínculos estabelecidos com colegas e professores/as foram fundamentais para viabilizar a permanência delas na Universidade. Dessa forma, entendemos que o maior apoio que elas possuem tem sido criado por elas mesmas, na interação com docentes e colegas.

As Mães Estudantes Universitárias, participantes desta pesquisa, demonstraram habilidades sociais notáveis para o enfrentamento e manejo de suas dificuldades. Entre elas, destacamos a negociação, que implica a capacidade de mobilizar recursos pessoais e sociais para a obtenção de combinados que podem favorecer-las na permanência na Universidade.

O Apoio Institucional é considerado inexistente ou insuficiente e, por isso, um grave problema que a Universidade possui. Sobre isso, destacamos a fala da Mãe Flor de Ipê Amarelo: *“a gestão da universidade não pensa nas mães”*! Portanto, se elas desejam serem vistas, notadas e contempladas, precisam lutar e quanto mais coletivamente fazem isso, melhor é o resultado para elas.

As desigualdades de gênero e de gerações foram notadas nas narrativas. Quanto às desigualdades de gênero, percebemos que as Mães Estudantes são sobrecarregadas com a responsabilidade praticamente integral de cuidar de suas filhas e seus filhos, mesmo quando enunciavam ter companheiros para esta jornada.

Quanto às diferenças de gerações, notamos que as Mães Estudantes Universitárias mais jovens tenderam a perceber a Maternidade com menos romantismo, assumindo para si que é uma atividade nem sempre desejada, nem sempre valorizada e quase nunca suficientemente apoiada pela instituição universitária.

Esses achados corroboram as reflexões de Pereira (2021), que destaca como a penalidade da maternidade se manifesta de forma significativa no ambiente acadêmico, ampliando as desigualdades de gênero.

A análise revelou barreiras estruturais, como a ausência de políticas consistentes de apoio às mães universitárias, incluindo a falta de creches e a rigidez nos horários e processos avaliativos. Essas questões, alinhadas às reflexões de Leitão e Vieira (2020), evidenciam a

urgência de transformações institucionais para promover a inclusão dessas mulheres. A construção de um ambiente universitário mais acolhedor passa pela implementação de medidas como flexibilização de horários, redes formais de apoio, sensibilização do corpo docente e políticas específicas para mães estudantes.

Há uma configuração identitária singular, onde as participantes combinam os posicionamentos de cuidadora e estudante de forma única. Essa experiência foi descrita como profundamente transformadora, de acordo com o conceito de experiência proposto por Bondía (2002), uma vez que a maternidade e a vida acadêmica foram constantemente significadas e ressignificadas em suas trajetórias. A força e resiliência, demonstradas pelas Mães Estudantes Universitárias, ressaltam não apenas os desafios enfrentados, mas também a capacidade dessas mulheres de superar adversidades e avançar em suas jornadas acadêmicas.

Considerações

Nesse trabalho, propusemo-nos a analisar as narrativas de mães estudantes da Universidade de Brasília e consideramos que suas falas estão, em sua maioria, em conformidade com as referências teóricas apresentadas nesse estudo, validando as teorias sobre maternidade, redes de apoio e transformações estruturais.

Os resultados revelaram a complexidade das vivências das Mães Estudantes Universitárias, trazendo à tona não apenas as barreiras enfrentadas, mas também as estratégias de enfrentamento e os significados atribuídos às suas trajetórias. Esses resultados apontam para a necessidade de políticas públicas e institucionais que acolham as especificidades dessas mulheres, garantindo não apenas sua permanência, mas também seu bem-estar e desenvolvimento pleno no ambiente acadêmico.

A construção de uma universidade verdadeiramente inclusiva exige um compromisso com a equidade de gênero e a valorização das experiências singulares que Mães Estudantes Universitárias trazem para o espaço acadêmico.

Referências

AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, v. 15, n. 2, p. 303-330, jun. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922000000200006>.

ALVES, I. B. *Ciência e maternidade: desafios e perspectivas para a permanência de mulheres-mães no ensino público superior*. 2019. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos

Humanos) – Universidade Católica de Pelotas, Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas, Pelotas, 2019.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PÓS-GRADUANDOS (ANPG). *Pesquisa sobre a maternidade e pós-graduação no Brasil*. 2021. Disponível em: <https://www.anpg.org.br>. Acesso em: 02 out. 2024.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BROWN, B. *A arte da imperfeição*. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. C. Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia: cadernos de Psicologia e Educação*, v. 14, n. 28, p. 211–220, 2004.

CAIXETA, R. P.; SOUZA, M. L. F.; SANTOS, R. Metodologias qualitativas na pesquisa acadêmica: fundamentos e aplicação. *Revista Brasileira de Pesquisa Acadêmica*, v. 10, n. 2, p. 87-101, 2015.

DANTAS, C. C.; SANTOS, M. J.; OLIVEIRA, A. R. Maternidade atípica e as dinâmicas do cuidado: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 19, n. 4, p. 931-940, 2019.

DYBLE, M. *et al.* Sex equality can explain the unique social structure of hunter-gatherer bands. *Science*, v. 348, p. 796-798, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.aaa5139>.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FINEMAN, M. A. *The neutered mother, the sexual family, and other twentieth-century tragedies*. New York: Routledge, 2019.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D.; MAKUCH, M. Y. Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. *Pensando famílias*, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/344>. Acesso em: 10 out. 2024.

LEITÃO, C. F.; VIEIRA, J. M. Maternidade e desigualdade de gênero no meio acadêmico: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, v. 10, n. 2, p. 45-62, 2020.

LYNCH, K.; LYONS, M.; CANTILLON, S. Motherhood and academia: a critical examination of challenges and solutions. *Feminist Studies*, v. 46, n. 2, p. 45-60, 2020.

MASON, M. A.; WOLFINGER, N. H.; GOULDEN, M. *Dos babies matter? Gender and family in the ivory tower*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2013.

MEDEIROS, João de Deus. Guia de campo: vegetação do Cerrado 500 espécies / João de Deus Medeiros. – Brasília: MMA/SBF, 2011.

MORAES, R. Análise textual discursiva. *Educação*, Porto Alegre, v. 26, n. 37, p. 7-32, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 24, p. 44-55, 2004.

MOREIRA, C. Maternidade e trajetórias acadêmicas: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, n. 1, p. 35-58, 2018.

OLIVEIRA, Z.M. R.; GUANAES, C.; COSTA, N.R.A. Discutindo o conceito de jogos de papel: uma interface com a teoria do posicionamento. In: M. C. Rossetti-Ferreira, K.S.; Amorin, M.C.; Silva, A.P. S.; Carvalho, A.M. A. (org.), *Rede de significações: uma nova perspectiva teórico-metodológica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003, p. 69-80.

PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. (Org.). *Doença, sofrimento e perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

PEREIRA, M. A penalidade da maternidade: gênero, ciência e família. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 2, p. 12-29, 2021.

SANTOS, J. V.; RIBEIRO, M. C. C. Desafios da maternidade e permanência de mulheres na educação superior. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, p. 245-263, 2017.

SANTOS, L.; SILVA, M. T. Abordagens qualitativas em pesquisas sociais: concepções e aplicabilidades. *Revista de Metodologia Científica e Social*, v. 8, n. 1, p. 25-40, 2020.

UNESCO. *Gênero e ciência: relatório global de disparidades e desigualdades*. Paris: UNESCO, 2020.

APÊNDICE A – Projeto Cadastrado

Visualizar Arquivo

Visualizar Plano de Trabalho

DADOS DA AÇÃO DE EXTENSÃO

DADOS GERAIS

Código: EV707-2024

Título: Chá com biscoito: #SouMãe#SouFUP !!!

Categoria: EVENTO

Ano: 2024

Unidade Proponente: FACULDADE DE PLANALTINA

Unidade Orçamentária: /

Executor(a) Financeiro(a):

Unidade Co-Executor(a) Externo(a):

Outras Unidades Envolvidas:

Área do CNPq: Ciências Humanas

Nº Bolsas Solicitadas: 0

Tipo de Cadastro: SUBMISSÃO DE NOVA PROPOSTA

Público Alvo Interno: Mulheres Mães

Público Estimado Externo: 10 pessoas

Público Real Atingido: 8 pessoas

Fonte de Financiamento: FINANCIAMENTO INTERNO (Programa Especial Semana Universitária 2024)

Linha de Atuação:

Programa Estratégico: Não está associado a um programa estratégico.

Vinculado a ação de formação continuada e permanente: NÃO

Vinculado a Grupo Permanente de Arte e Cultura: NÃO

A ação é parte integrante da Carga Horária de turma(s): NÃO

A ação é uma Atividade Complementar Curricular Extensionista: NÃO

Faz parte de Programa de Extensão? NÃO

Tipo do Evento: OFICINA

Período do Evento: 05/11/2024 a 05/11/2024

Carga Horária: 3 horas

Situação: CONCLUÍDA

Responsável Pela Ação: JULIANA EUGÊNIA CAIXETA

E-mail do(a) Responsável: jucaixeta.unb@gmail.com

Contato do(a) Responsável: 61981873783

Abrangência: Local

Período de Realização: 05/11/2024 a 05/11/2024

Área Principal: EDUCAÇÃO

Nº Bolsas Concedidas: 0

Convênio Funpec: NÃO

Público Alvo Externo: Mulheres Mães

Público Estimado Interno: 10 pessoas

Renovação: NÃO

Previsão de Nº de Vagas: 20

MUNICÍPIO REALIZAÇÃO

Estado

Município

Bairro

Espaço Realização

Distrito Federal

BRASÍLIA

Guará Ii

LAPEC 2

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA

2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

3 SAÚDE E BEM-ESTAR

4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

5 IGUALDADE DE GÊNERO

6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO

7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL

8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO

9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA

10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS

13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA

14 VIDA NA ÁGUA

15 VIDA TERRESTRE

16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES

17 PARCERIAS MEIOIS DE IMPLEMENTAÇÃO

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

DETALHES DA AÇÃO

Resumo:

O objetivo desta Oficina é abrir espaço de fala e escuta para Mães que estudam na FUP ou outros campi para compartilharem suas experiências na universidade. Para isso, ofertaremos um chá com biscoitos e criaremos um ambiente de chá-mego para as Mães, que vivem diferentes desafios ao conciliarem maternidade com a vida estudantil. Os registros dessa oficina serão utilizados para um Trabalho de Conclusão de Curso sobre Maternidade na Universidade.

Palavras-Chave:

Maternidade, Estudante-mãe, Universidade, Mulheres Universitárias

Programação:

Chá com Biscoito

05/11/2024 - 15:00 às 18:00.

LAPEC 2

Oficina para MÃES E ESTUDANTES

Objetivos Gerais:

- Criar um espaço para diálogo com Mães Universitárias da FUP e outros campi.

- Oferecer um ambiente de chá-mego para as Mães por meio de um Chá da Tarde.

- Levantar demandas das Mães da FUP para a Direção do campus.

Resultados Esperados:

- Diálogos.

- Acolhimento.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Tamires Gomes Correia, graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina, estou realizando uma pesquisa que tem por objetivo analisar as narrativas de Mães Estudantes da Universidade de Brasília sobre suas experiências ao conciliarem maternidade e universidade.

A construção de dados se deu por meio de uma oficina, organizada na Faculdade UnB Planaltina (FUP), na cidade de Planaltina-DF. A oficina foi chamada de Chá com Biscoito #SouMãe #SouFUP, e foi ofertada na Semana Universitária 2024 – SEMUNI 2024. A SEMUNI ocorre anualmente, sendo que, em 2024, as atividades foram realizadas do dia 04 a 09 de novembro.

Durante a oficina, Mães que são Estudantes serão convidadas a narrarem suas experiências na Universidade. Para isso, a pesquisadora usará o comando: “me conta como tem sido sua experiência na Universidade de Brasília como Mãe e Estudante”. Pediremos que cada mãe fale uma de cada vez para que haja a gravação do áudio das narrativas.

Como a linguagem é um processo dinâmico, precisaremos da gravação do áudio que será feita por aplicativo de telefone celular. Ao longo da oficina, as Mães e demais participantes serão convidados/as a lanchar.

Será reforçado que as narrativas desenvolvidas no espaço da Oficina são de conteúdo sigiloso, portanto, as pessoas não podem comentar ou reproduzi-las.

Esclareço que a sua participação nesta pesquisa é voluntária. Portanto, você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo para você. Asseguro que seu nome não será divulgado em hipótese alguma e que os dados obtidos serão analisados coletivamente.

Com isto, explico que o uso posterior dos dados está vinculado à elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Posteriormente, as informações sistematizadas serão entregues à Direção da Faculdade UnB Planaltina e, também, podem ser utilizados em processos formativos e publicações de compartilhamento de saberes científicos em Congressos, Periódicos ou Livros.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto a pesquisadora pelo e-mail 190064595@aluno.unb.br.

Tamires Gomes Correia

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____,
DECLARO que fui esclarecida quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO a minha participação nesta pesquisa, para fins de estudo, publicação em revistas científicas, livros, anais de congresso e/ou em atividades de formação de profissionais e construção de políticas públicas para a Universidade de Brasília e outras Instituições de Educação Superior.

Brasília, DF ____/_____/____.

Assinatura